

50 anos

MARÉ

VIVA

semanário

TAPETES?

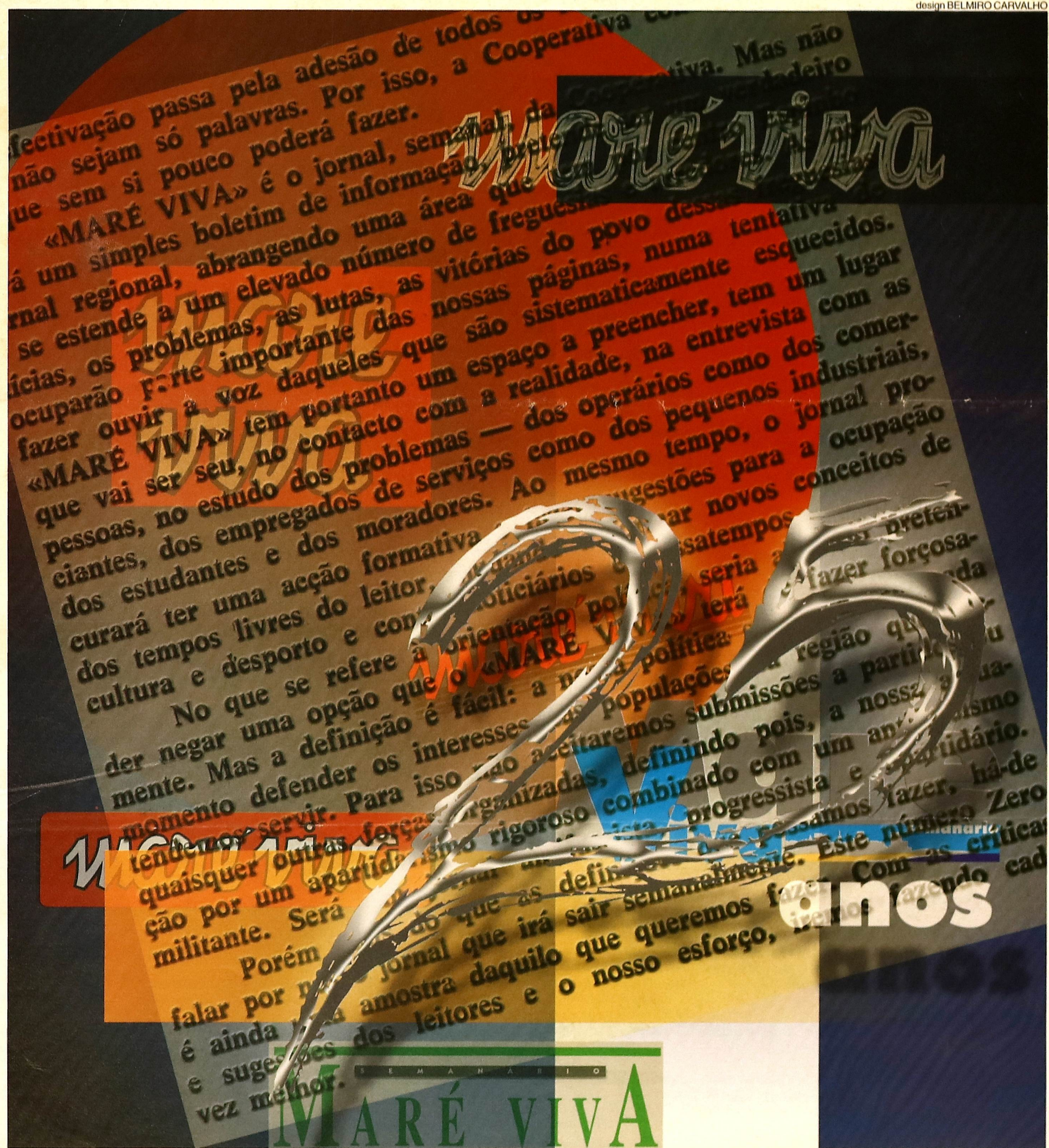


LAVÉLIA

LAVANDARIA A SÊCO
RUA 19 N.º 370 - ESPINHO

DIRECTOR: NUNO BARBOSA • ANO XXVI • N.º 1189 • ESPINHO • 24-05-01 • PREÇO: 100\$00 (IVA inc.) 

design BELMIRO CARVALHO



fectivação passa pela adesão de todos os
não sejam só palavras. Por isso, a Cooperativa
que sem si pouco poderá fazer.

«MARE VIVA» é o jornal, semanário da
á um simples boletim de informação, preço
rnal regional, abrangendo uma área que
se estende a um elevado número de freguesias.

ícias, os problemas, as lutas, as vitórias do povo dessa
ocuparão forte importante das nossas páginas, numa tentativa
fazer ouvir a voz daqueles que são sistematicamente esquecidos.

«MARE VIVA» tem portanto um espaço a preencher, tem um lugar
que vai ser seu, no contacto com a realidade, na entrevista com as
pessoas, no estudo dos problemas — dos operários como dos comer-
ciantes, dos empregados de serviços como dos pequenos industriais,
dos estudantes e dos moradores. Ao mesmo tempo, o jornal pro-
curará ter uma acção formativa — dar novos conceitos de
dos tempos livres do leitor, e sugestões para a ocupação
cultura e desporto e conserção de tempos livres.

No que se refere à orientação política, «MARE VIVA» terá
der negar uma opção que o «MARE VIVA» seria a fazer forçosa-
mente. Mas a definição é fácil: a nossa política é a fazer forçosa-
momento defender os interesses das populações da região que
tendemos servir. Para isso não aceitaremos submissões a parti-
quaisquer outras forças organizadas, definindo pois, a nossa
ção por um apertado e rigoroso programa, combinado com um an-
militante. Será a nossa política progressista e partidário.

Porém, não é do que as definições. Podemos fazer, há-de
falar por uma amostra daquilo que queremos fazer, há-de
é ainda uma amostra daquilo que queremos fazer, há-de
e sugestões dos leitores e o nosso esforço, há-de

50 ANOS

SEMANÁRIO

MARÉ VIVA



'Luandante'

A Câmara Municipal de Espinho e um grupo de alunos de Animação Social da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, a realizar estágio nos serviços de Animação Cultural da CME, vão organizar amanhã, dia 25, e sábado, dia 26, um fim-de-semana de actividades de animação de rua dirigidas, preferencialmente, aos jovens.

O evento, designado por "Luandante", tem a seguinte programação: sexta-feira, às 22h, na Esplanada, teatro, o "Auto da Barca do Inferno" de Gil Vicente; Capoeira, pelo Ginásio Activa, cinema de animação, Grupo de Serenatas Académico de Espinho, Arteshop e "A Lua aqui tão perto" (observação).

No sábado, pelas 15h, também na Esplanada, desportos de aventura, numa organização da Nortada, jogos tradicionais, arteshop e graffiti; a partir das 21h30, e no mesmo local, "Ases na Manga" (animação), cinema de animação e um concerto com Unblind/Whar if in spite of, seguido de observação de "A Lua aqui tão perto". ■

Escola EB/2,3 Sá Couto

Em relação a uma reportagem publicada no nosso número de 10 do corrente sob o título "I Encontro de Associações de Pais de Espinho", recebemos do Conselho Executivo do referido estabelecimento de ensino uma comunicação em que é afirmado o seguinte: "No artigo em causa, afirma-se, a respeito dos 'males' desta Escola, que 'um poste de electricidade tinha os fios descarnados à vista de todos, havendo perigo de uma criança ficar electrocutada'. Esta grave afirmação carece de veracidade, pois não existia qualquer fio descarnado mas apenas um cabo (isolado) à vista, sem perigo de electrocussão para os alunos ou outros utentes. Esta certeza foi-nos confirmada pelos serviços camarários através dos seus técnicos que se deslocaram à

Escola". E conclui o comunicado afirmando que "esta situação se ficou a dever às enxurradas provocadas pelos últimos temporais, que já tinha sido detectada e avaliada e apenas aguardava a comparência do técnico que já havia sido contactado para a reparar".

É evidente para o "MV" que a repórter não "inventou" nada em relação à situação que, segundo o próprio Conselho Executivo, "já tinha sido detectada". Aliás, a própria Associação de Pais daquele estabelecimento de ensino também nos contactou nesse sentido, ou seja, o de não alarmar os pais dos alunos. Essa não foi, nem será nunca, a nossa intenção. Assunto encerrado e, pela nossa parte, a satisfação pelo facto de o caso estar, ao que nos dizem, resolvido. ■

Homenagem ao Cap. Ferreira de Matos

Um grupo de antigos atletas e dirigentes do Sporting Clube de Espinho vai homenagear o Capitão Ferreira de Matos, em reconhecimento pelo trabalho realizado no SCE como treinador de futebol, na área da formação. Recorde-se que o homenageado orientou várias equipas de futebol do país, quase sempre das camadas jovens, sendo actualmente dirigente do Núcleo Sportinguista de Espinho e encenador do Grupo de Teatro do Orfeão de Espinho.

O jantar de homenagem terá lugar no próximo dia 8 de Junho, pelas 20h, no restaurante do Complexo de Ténis, e as inscrições poderão ser feitas na sede do SCE ou por intermédio de Carlos Padrão (telem. 917821193) ou Fernando Meneses (telem. 966052010). ■

Grupo de Bandolins de Esmoriz homenageia maestro

O Grupo de Bandolins de Esmoriz vai organizar, no próximo sábado, dia 26, pelas 21h30, no Salão Esmoriztur, o "ComCordas", 1.º Encontro Musical de Cordas de Esmoriz, em homenagem a Luís Marques Aleixo, seu maestro fundador.

Nesta festa, para além do grupo organizador, participarão ex-elementos do Grupo, a Magna Tuna de Farmácia da Universidade do Porto, o Grupo de Fadões de Medicina da U.P., o Hepteto do Porto e a Orquestra de Palheta do CGEA-Madeira.

RUI ABRANTES

ADVOGADO

Rua 18.º 582 - 1.º Esq.º
Sala 3 - Telef. 227343811
ESPINHO

CASA ALVES RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho

tem dos maiores sortidos do país em Vinhos do Porto datados, correntes, de mesa, Aguardentes Velhas e Whiskies

SÍMBOLO 1990 10 ANOS

BRINDES PUBLICITÁRIOS
Serigrafia - Estamparia - Tampografia
PUBLICIDADE GERAL

PUBLICIDADE QUE AÍE MERECE IMPRESSÃO

Rua 26, 942 Tel/Fax.: 227 312 506 ESPINHO

'MARÉ VIVA' N.º 1189 - 24.05.01 - PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

Acção de divórcio litigioso n.º 343/99 - 1.º Juízo - 1.ª Secção

AUTOR: ANA PAULA VIDAL AMORIM, residente na Av.ª General Guisan, n.º 52, 1800 Vevey, Suíça.

RÉU: MICHAEL NIELSEN, com última residência conhecida na Rua 18 n.º 339, Espinho.

O Doutor ARMANDO da ROCHA AZEVEDO, Juiz de Direito da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Espinho,

FAZ SABER que correm éditos de TRINTA DIAS, nos autos supra indicados para, no prazo de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o Réu para contestar, querendo, a acção de di-

vórcio, acima referida com o fundamento do art.º 1781.º al. a) do C. Civil, tudo conforme fundamentação constante da petição inicial cujos duplicados se encontram nesta Secretaria à disposição do citando.

A falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pelo(a) autor(a).

Espinho, 19 de Abril de 01.

O Juiz de Direito
Dr. Armando da Rocha Azevedo

A Escrivã Adjunta
Célia Maria Almeida



Quinta, 24 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320
Sexta, 25 GRANDE FARMÁCIA - Rua 8 n.º 1025 / Telef. 227340092
Sábado, 26 CONCEIÇÃO - Estrada de S. Tiago, Silvalde / Telef. 22731148
Domingo, 27 TEIXEIRA - Av.º 8 - C.C. Solverde / Telef. 227340352
Segunda, 28 SANTOS - Rua 19 n.º 265 / Telef. 227340331
Terça, 29 PAIVA - Rua 19 n.º 319 / Telef. 227340250
Quarta, 30 HIGIENE - Rua 19 n.º 393 / Telef. 227340320



DE 25 A 31 DE MAIO

CASINO: 'O REGRESSO DA MÚMIA'

MULTIMEIOS: CICLO 'CLÁSSICOS DO CINEMA'



ESPINHO

Hospital 227331130
Centro de Saúde 227341167
C. R. Segur. Social 227341956
Clínica Costa Verde 227345885
Clínica N.S. d'Ajuda 227342695
Clínica S. Pedro 227344714
Policlínica 227330640
PSP 227340038
Tribunal 227342351
B.V. Espinho 227340005
B.V. Espinhenses 227340042
C.M.E. 227340020
Biblioteca 227340698
EDP (agência) 227348387
EDP (avarias) 800506506
Junta de Freguesia 227344418
CTT Rua 19 227330631/2
CTT Rua 32 227330661/3
CTT (C.D. Postal) 227340010
Registo Civil 227340599
Finanças 227340750
Tesouraria 227343730
CP 227346312

A. Viação Espinho 227340323
Táxis (Graciosa) 227340010
Táxis (Câmara) 227343167
R. Táxis C. Verde 227340118
R. Táxis União 227348017
R. Táxis Unidos 227342232
Táxis Verdemar 227343500

ANTA

Junta de Freguesia 227346453
Unidade de Saúde 227345810
Lar da 3.ª Idade 227344651
Farmácia 227341109

GUETIM

Junta de Freguesia 227344226

PARAMOS

Junta de Freguesia 227342710
Unidade de Saúde 227345001
Farmácia 227346388
Reg.º Engenharia 227342023
Centro Social 227342005

SILVALDE

Junta de Freguesia 227344017
Un. Saúde Silvald. 227343642
Un. Saúde Marinha 227343101



QUARTO CRESCENTE
29 de Maio

Marés

Dia da semana	PRAIA-MAR				BAIXA-MAR			
	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura	Hora	Altura
24 QUI.	04.23	3.3	16.40	3.5	10.22	.5	22.51	.5
25 SEX.	05.06	3.3	17.23	3.4	11.04	.6	23.38	.5
26 SAB.	05.53	3.2	18.11	3.4	11.51	.7	-	-
27 DOM.	06.44	3.1	19.04	3.2	00.29	.6	12.42	.9
28 SEG.	07.43	3.0	20.04	3.1	01.26	.8	13.41	1.0
29 TER.	08.50	2.8	21.13	3.0	02.32	.9	14.50	1.1
30 QUA.	10.05	2.8	22.27	3.0	03.44	.9	16.07	1.2

Maré

DIRECTOR Nuno Barbosa

REDACTORES Abílio Adriano, Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Eduarda Ribeiro, Elda Ferreira, Elisa Silva, José Barrosa, Magda Guedes, Manuela Lima Barrosa, Marta Bigail, Rafaela Vieira Santos, Sandra Santos, Vítor Solteiro

FOTOGRAFIA Cassiano Soares

CARTOON Carlos Alberto

COLONISTAS Alberto F. Camacho, António Moreira da Costa, António Teixeira Lopes, Armando Jacinto, Carlos Morais Gaio, Carlos Sárria, Carvalho Baptista, Correia de Araújo, Rita Maia Gomes, Rui Zink, Victor Hugo Pinho

PUBLICIDADE Eduardo Dias

ADMINISTRADOR António Gaio
REDAÇÃO E COMPOSIÇÃO Rua 62 n.º 251 - 4500-366 Espinho
Telef. 227331355 - Fax 227331356 - E-mail: mare.viva@neto.pt

PROPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA

NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251
4500-366 Espinho - Telef. 227331357 / 227331350 - Fax 227331358
N.º de registo de Pessoa Colectiva 500615268

TIRAGEM DESTE NÚMERO 1,500 exemplares

NÚMERO DE REGISTO DO TÍTULO 104499, de 28/06/76

DEPÓSITO LEGAL 2048/83

Membro da



Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, podendo não reflectir, necessariamente, a opinião do Jornal.



Um quarto de século

Quando no dia 21 de Maio de 1976 foi vendido, nas ruas e nos quiosques de Espinho, o número zero do "Maré Viva", alguns puderam apalpar (e ler) as oito primeiras páginas de um projecto que tinha tido um parto laborioso, às vezes doloroso, mas bem sucedido. Esses, os leitores que nos perguntavam na rua e no café "Então, pá, quando é que isso arranca?", ficaram com o "menino" nos braços. Recebeu o nome que recebeu, mas muitos outros nomes, todos os nomes, surgiram em longas e cansativas reuniões, empolgantes, sem a mínima sombra de dúvidas. Mas ficou "Maré Viva". E bem.

Na ficha técnica desse número zero estavam, escritos escarpadamente, os nomes dos "paridores" da criança: Adriano Cardoso, Ana Sousa, António Capelo, António Letra, António Santos (director interino), Dário Capela, Ema Letra, Fátima Brandão, Fernando Campos, José Maia, José Cardoso, Fausto Neves, Jorge Catarino, Laura Gaio, Laurinda Cunha, Margarida Azevedo, Manuel Lopes, Morais Gaio, Vítor Sousa e eu próprio. Como colaboradores especiais figuravam Alberto Barbosa e Carlos Morais. Foram estes os geradores do projecto, pelo menos os seus "escrevinhadores", mas acompanhados por muita gente que tinha dado corpo à Cooperativa Nascente. E, apesar de muitos profetas da desgraça que auguravam uma vida curta, bastante curta, ao "Maré", cá estamos, vinte e cinco anos depois desse número zero, a editar o número 1189, coincidente (com três dias de atraso, coisa pouca) com essa data de 76.

Claro que nestas alturas é costume dizer-se que o percurso foi duro, até aqui. E, pronto, foi mesmo! Muita gente saiu e entrou (ou reentrou) na ficha técnica que identifica, edição após edição, quem faz o jornal. Muita coisa mudou, desde as gloriosas paginações corta-e-cola até às "modernices" da paginação em "PageMaker". Sinais dos tempos. Muita coisa foi revista, actualizada, porque hoje, queira-se ou não, os tempos são outros. Mas também, verdade seja dita, penso que algo ficou. A diferença continua a existir, sabendo no entanto que, pelo menos segundo os teóricos (quantas vezes erradamente), as diferenças tendem a esbater-se, pelo menos a nível mediático, neste início de século e de milénio.

Vinte e cinco anos depois, o "Maré Viva" continua a marcar a sua posição em Espinho e, de uma forma mais vasta, no panorama da Imprensa Regional portuguesa, infelizmente vista com olhos míopes por alguns responsáveis nacionais.

Por isso, estamos justificadamente orgulhosos de termos chegado até aqui, à idade que corresponde, mais ou menos, a um terço da esperança de vida média de um português. Vamos, seguramente, continuar. Até à terceira idade? Talvez mais. Muito mais. A regeneração existe e o "Maré Viva" tem-no provado, naturalmente com altos e baixos, ao longo destes 1189 números. ■ N.B.

Bodas de prata à mesa

Antecipando, em apenas dois dias, a data da saída para a rua do número zero do "Maré Viva" (21/05/76), a "família MV" reuniu-se num almoço de confraternização no restaurante do Complexo de Ténis de Espinho, no passado sábado.

"Históricos", actuais redactores e colonistas, todos os que puderam estar presentes, num total de cerca de meia centena, conviveram, juntamente com os gráficos e os elementos da expedição semanal, durante algumas horas em que muita coisa foi lembrada, se calhar com uma pontinha de saudade, e outras coisas foram equacionadas em termos de presente e futuro.



No fundo, não é todos os dias que se comemoram 25 anos de vida de um jornal regional. Alguns dos presentes no convívio de sábado passado, nomeadamente alguns elemen-

tos do corpo redactorial, nem sequer eram nascidos quando o "MV" viu a luz do dia. Para outros, os ditos "históricos", já lá vai muito tempo passado de- pois daqueles dias e me-

ses de febril e ansiosa preparação do número zero... Para todos, foi um bom bocado vivido, conjuntamente, em torno de um projecto que atingiu os seus vinte e cinco anos de vida. ■

Organização do Centro de Convívio da JF Espinho

Uma viagem a Évora

Como já vem sendo hábito, o Centro de Convívio de Espinho organizou um novo passeio para os mais velhos. O destino foi Évora. Depois de um almoço animado, foi possível tomar contacto com a realidade da vida alentejana, apreciar os belos monumentos da cidade e ainda ouvir um grupo coral da região.

O Centro de Convívio de Espinho promoveu mais um passeio para os idosos. Desta vez, mobilizaram-se cerca de 90 pessoas, que percorrem cerca de 430Km rumo a Évora. Apesar de cansativa, a viagem valeu a pena. Entre outras coisas, foi possível ver o carismático monumento romano "Templo de Diana". Contudo, na realidade, e como explicou a guia que acompanhou o grupo de idosos, o templo não foi erigido em memória da deusa da caça, mas sim em honra de um impe-

rador. Continua a ser uma incógnita a personalidade a quem o monumento foi erigido.

Nesta longa viagem, os idosos espinhenses tiveram a oportunidade de ver não só os monumentos de Évora e descansar os olhos nas casas tipicamente alentejanas, como ainda foram brindados com a actuação de um grupo coral.

De resto, várias foram as entidades que colaboraram com a Junta de Freguesia de Espinho de forma a contribuir para o bem-

estar dos idosos. Por isso mesmo é que o responsável pelo Centro de Convívio, Manuel Osório, não se coibiu em salientar a "ótima colaboração da Câmara de Évora. Prepararam-nos o local para o almoço e ainda ouvimos um grupo coral alentejano. Foi agradável! O turismo de Évora também disponibilizou as duas guias que nos acompanharam. Foram extremamente simpáticos".

MAIS UM PASSEIO NO VERÃO

Muito embora a viagem tenha corrido bem, o cansaço era notório. Talvez por isso Manuel Osório assegurasse que já tinha presenciado passeios mais bem conseguidos: "Não foi das viagens mais positivas que temos feito, porque é muito longe para fazer tudo num só dia. São

cerca de 860Km, o que é muito para fazer só num dia. Contudo, como as possibilidades não dão para isso, dentro daquilo que se pode arranjar vamos fazendo estes passeios".

Por todas estas razões, Manuel Osório garante estar convencido que "viagens muito longas não são aconselháveis, e a Junta também não pode estar a fazer viagens com dormida, porque senão fica muito caro e nem todas as pessoas têm possibilidades para isso. As viagens têm de ser sempre de um dia, por isso tem de ser mais perto".

Para já, está prometida uma nova viagem para meados de Junho ou Julho. Apesar disso, o responsável pelo Centro de Convívio garante ainda não ter pensado em nenhum destino: "Neste momento ainda não tenho nenhum sítio pensado". ■ R.V.S.

DR. LIMA RIBEIRO

MÉDICO
ESPECIALISTA DE CLÍNICA GERAL

Consultório: Rua 23 n.º 344 - 2.º C
Telef. 227348846 • Telem. 962353745

DR. DIOGO LIMA

PSICÓLOGO CLÍNICO

Consultório: Rua 23 n.º 344 - 2.º C
Telemóvel 919002475

Dr. Vítor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P.

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 227312770
ESPINHO



A. MOREIRA DA COSTA

Outra vez parabéns

Corria o ano de 1975. Verão quente, meteorológica e politicamente.

No rescaldo da intensa luta ideológica e social que se viveu nesse ano, como sequela inevitável da derrota do projecto a que davam corpo, foram despedidos da direcção e redacção do Jornal "Defesa de Espinho" os rapazes que afoitamente pegaram no Jornal, após o período de transição que inaugurou a era post-Benjamim da Costa Dias. Eram gente aguerrida, lúcida, generosa, bem humorada, verrinosa, cometida até à última molécula de físico e intelecto, defensores aguerridos de um ideal comum de liberdade, arejo e rompimento. Vinham muitos deles de viver as repercussões nacionais da profunda crise de valores que abalou o *establishment* ocidental, com a sua máxima expressão política e activista centrada nos acontecimentos do Maio de 1968. Eram também eles os que viveram com mais intensidade a revolução cultural e de mentalidades corporizada nos Beatles e no *flower-power*. Foi na geração deles que teve mais impacto a maldita guerra de África, que surgiu como dado incontrovertido, pela primeira vez na memória dos homens modernos, a possibilidade de uma superpotência ser derrotada por um exército de formigas diligentes e incansáveis, como veio a ocorrer no Vietname.

Por tudo isto não estranha que tenham dado corpo a mil projectos de revolução, de reforma, de alteração, de ruptura, sempre com a mesma generosidade e disponibilidade totais, características da gente daquela idade e naquela altura. No entanto, não estavam sós. Acompanhavam-nos alguns miúdos, mais jovencitos, ainda quase a cheirar a leite e cueiros, que haviam sido tocados de raspão pelo turbilhão dos anos 60, mas o suficiente para que ficassem contagiados pelo espírito prevalecente. Ainda que tivessem passado esses gloriosos tempos em brincadeiras e folguedos próprios dos 11-12 anos, viveram o crepúsculo da contestação social, da movimentação cultural e assistiram, em pleno, ao desenrolar dos últimos actos do drama da Guerra do Vietname, em todo o seu esplendor de espectáculo político, militar e social. Entre esses jovens, não me contava eu. Era amigo de todos, conhecia-os a todos, éramos compinchas de saídas e escapadas, de folguedo e riso, mas a minha actividade e empenhamento político não passaram pela gloriosa época da "Defesa".

Como todos os outros, naquele Verão quente de 75, era um leitor incondicional do Jornal e um apoiante não menos incondicional da rapaziada que o fazia todas as semanas. Derrotado fragorosamente o projecto de revolução, política, social, económica e cultural, em que, de formas diversas, nos encontrávamos empenhados, houve que assumir as consequências e partir, mas não de rabo entre

as pernas, vencidos mas não convencidos, sem virar a cara à luta e sem esquecer por um só instante aquilo que verdadeiramente nos interessava.

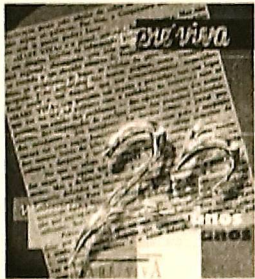
O resultado foi a Cooperativa de Acção Cultural "Nascente", da qual fazia parte um projecto jornalístico local e que se tornou neste Jornal onde ora comunicamos, o "Maré Viva". Foi em Maio de 1976 que foi dado à estampa o primeiro exemplar, obra feita, acabada, aquilo que era o pensar e sentir de todos nós. Muito ainda estava para vir. Não haviam cessado, de todo, os combates políticos e ideológicos. Muito debate acalorado, muita discussão apaixonada estava ainda para acontecer na sociedade portuguesa. Localmente, o "Maré Viva" estava sempre na primeira linha.

Um dia dei por mim, aí por alturas de 1977, numa velha sala do primeiro andar do prédio da Rua 62, que serve de local de trabalho aos activistas da Nascente e no qual sempre esteve alojado o Jornal da Cooperativa. "Olha lá", disse-me o António Santos, "preciso que escrevas um texto para o Jornal, sobre o Carnaval". E pronto, como se diria hoje, foi assim que fiz a minha entrada oficiosa, oficial, para a redacção do "Maré Viva".

Muito tempo passou, muitos anos. A nossa sociedade perdeu aquele encanto virginal de quem descobre que é possível discutir, debater, empenhar-se, comprometer-se. Hoje estamos uns velhos, outros desiludidos, outros ainda as duas coisas. Deixámo-nos abater pelo conformismo, pela desesperança, pelo desencanto e pelo cinismo. Felizmente, nem todos. Olhamos à nossa volta e, no meio desta apatia consumista generalizada, desta auto-satisfação onanística com a nossa própria mediocridade, desta "big brotherização", "acorrentação" e "hermanização" da sociedade portuguesa em geral e espinhense em particular, vemos ainda, emergindo das trevas do aburguesamento, quebrando o cinzento tecnocrático e competente *ma non troppo* da nossa sociedade contemporânea, um grupo de gente de grande qualidade, pessoal, intelectual, cultural, numa palavra, humana, que vai mantendo o rumo às coisas e dando ainda algum sentido à vida. Gente nova, felizmente, a eles se junta, com eles aprende e vai pegando, lenta mas seguramente, na lamparina que nos há-de iluminar no futuro, ensinar aqueles que hoje vão resvalando para o abismo da indiferença que há sempre razão para contestar, discutir, debater.

Parafrazeando o nosso pio PM, aos velhos jarretas e marretas, como eu, apenas resta o gozo de poder conviver com e ter o privilégio de escrever nas mesmas páginas do Jornal que tão galhardamente vão fazendo, semana após semana, mantendo sempre viva a chama do debate, da troca de ideias, da discussão.

Para eles, parabéns pelos gloriosos 25 anos do "Maré Viva". ■



ALBERTO CAMACHO

Maré Viva - 25 anos

Por um Maio com sabor a Abril



Durante longos anos, excessivamente longos, a chamada imprensa regional serviu apenas para bajular o regime fascista que governou a nossa terra também por longos anos, excessivamente longos. Desse tempo, excessivamente amargo, recordo alguns jornais regionais que, pela sua gloriosa coragem e pelo empenho dedicado e firme dos homens e mulheres que neles colaboraram, merecem ficar na excessivamente curta lista de heróis da resistên-

cia, e na memória dos humanos. "Notícias da Amadora", "Jornal do Fundão" e "Opinião" são nomes grandes da nossa imprensa regional que importa recordar nesta data em que o "Maré Viva" cumpre vinte e cinco anos de vida.

Ao associar-me a este acontecimento, junto-me a todos quantos fizeram do passado um terreno de luta contra a injustiça, a prepotência e o medo, por um futuro livre, digno e fraterno. É assim que entendo a imprensa regional, é neste sentido que a desejo, é com esta direcção que a abraço.

Sempre afirmei que esta

Maré estava Viva para honra dos seus elementos dirigentes e benefício-satisfação dos leitores que podem debruçar os olhos em folhas lavadas, mesmo quando veiculam ideias que não são as nossas. A imprensa regional eleva-se com esta Maré cheia de vontade de vencer, mas não a qualquer preço e nunca de qualquer jeito. É assim que vejo o jornal da minha terra, é por isso que nele colaboro, é no seu projecto que acredito, é neste futuro que me vejo, é nesta dignidade regional que daqui abraço forte e fraternalmente. ■

Lisboa, Maio de 2001

Postais da nossa terra

Concretização (s.f. acto ou efeito de concretizar). **Concretizar** (v. tr. tornar concreto; materializar). **Concreto** (adj. que existe na realidade). **Aspiração** (s.f. fig. desejo; ideal). **Legítimo** (adj. fundado no direito, na razão ou na justiça; genuíno, autêntico, racional.)

Palavras encontradas no Dicionário "Editora" da Língua Portuguesa. Obviamente, não terão o mesmo significado no dicionário utilizado pelos políticos.

Cumprir Espinho! Programa do partido que lidera a autarquia espinhense, para... 1998/2001. Em "II Linhas Gerais": 9. Desporto; 9. a) - **Concretização do Estádio Municipal, dando corpo a uma aspiração legítima das populações, que dura há cerca de um quarto de século.**

E esfumaram-se mais quatro anos.

De 1998 a 2001. Do Estádio Municipal (aspiração legítima, com quase trinta anos!), talvez se volte a falar lá para o fim do ano. Sempre há eleições. Retoca-se a promessa. Dá-se-lhe um ar de nova. Insere-se no próximo programa. A memória dos eleitores é curta. Depois, os políticos sabem dar-lhes a volta. Basta uma dose q.b. de demagogia. De resto, os apaniguados, a clientela, os lambe-botas, os reformados, etc., votam de olhos fechados.

Entretanto, o clube mais representativo de Espinho (também com culpas no cartório) continua a ser penalizado, desportiva e financeiramente, pela falta do Municipal. Que continua a ser uma promessa por cumprir. E se os "tigres" subirem na próxima época, vão, novamente, várias vezes, jogar no Municipal... da Maia?

Remetente: Carlos Sárria

ELVIRA SILVA

ESPECIALISTA DE DERMATOLOGIA
E VENEREOLOGIA (DOENÇAS DA PELE)

CONSULTÓRIO: Rua 11 n.º 746 - Telef. 227343467

Fonseca

TECIDOS
MODAS

RUA 19 N.º 275
TEL. 227340413
ESPINHO

José Mota na Assembleia Municipal

Viagens ao Brasil: 45 mil contos

A Assembleia Municipal foi pródiga em ditos espirituosos e na troca de galhardetes por vezes não muito politicamente correctos. Mesmo assim, com a sala repleta, foi com animação que se seguiu o plenário, desta feita com a presença de José Mota, que elucidou os vogais sobre a política camarária.

A última sexta-feira pôs um ponto final nesta série de reuniões da Assembleia Municipal. Foi numa sala repleta que o presidente da Câmara Municipal de Espinho, José Mota, desfez algumas dúvidas que tinham ficado pendentes do plenário anterior. José Mota defendeu convictamente os passeios organizados ao Brasil, assegurando que, se for novamente eleito para presidente, essas viagens irão prosseguir: "Se eu cá continuar, os idosos que não foram ao Brasil vão ter a oportunidade de ir. Os que foram vão à Madeira ou então percorrer o rio Douro de barco. Vamos continuar a apoiar os idosos e tudo farei para que estas actividades aumentem". Frisando nada ter a temer, o presidente da edilidade revelou a despesa efectuada nas viagens a terras brasileiras: "O orçamento para os 600 idosos, durante uma viagem de 15 dias, foi de 45 mil contos. Ainda não sei a despesa, mas o orçamento foi mais exactamente de 45 mil e 800 contos".

Acerca da Associação do Desenvolvimento do Concelho de Espinho (ADCE), José Mota lançou um apelo aos vogais para que fossem à instituição verificar o trabalho que lá se tem vindo a desenvolver, trabalho esse que se traduz em cursos para jovens, como jardinagem, carpintaria e muito mais.

POLÉMICA NA REUNIÃO

Depois da intervenção de José Mota, que Jorge Carvalho (CDU) apelidou de comício, foi pela boca des-

te vogal que a Assembleia ouviu uma grande parte das duras críticas feitas ao presidente. Jorge Carvalho fez questão de salientar que as propostas de José Mota não passariam de promessas e que, para além disso, a ausência consecutiva de Mota era uma falta de respeito para com a Assembleia. "O seu papel era estar sempre aqui, mas prefere andar por outros poisos. Prefere estar no Brasil e, quando volta, vai à cerimónia do SCE, ignorando esta Assembleia", disse, acrescentando que José Mota "tem um discurso à Vale e Azevedo e aparece nas festas como a Lili Caneças".

De seguida, o vogal fez algumas perguntas, esperando os esclarecimentos de José Mota. Jorge Carvalho questionou o destino do campo de hóquei, uma vez que, segundo o vogal, a MacDonald's teria adiantado uma verba de 20 mil contos para se instalar nesse terreno. Jorge Carvalho quis ainda saber o que seria feito dos bares ilegais da Avenida 8: "Um deles foi demolido, o outro lá se mantém firme e hirto, sem casa de banho. Como não acredito que seja por pertencer a um desportista, que até tem o nome de uma rua, gostaria de saber quando o bar vai abaixo". O vogal perguntou também se sempre era verdade que "um funcionário que foi ao Brasil vai receber o custo de horas extra que excede o orçamento da Junta de Freguesia de Paramos".

Por seu turno, Correia de Araújo (PS) interrogou José Mota sobre "o que está planeado para a pró-



José Mota e Jorge Carvalho protagonizaram acesa discussão

xima época balnear" e pediu-lhe que "deixasse uma palavra tranquilizadora acerca da modernização da linha do norte".

LILI E MR. BEAN

As respostas de José Mota não se fizeram esperar. O presidente começou por dirigir a palavra a Jorge Carvalho, afirmando que as suas promessas se transformam em realidade, sendo exemplo disso o enterramento da linha. Para além disso, o presidente da edilidade não se coibiu de responder à letra ao vogal da CDU salientando que "veio cá dizer que eu parecia o Vale e Azevedo, mas agora vejo que se identifica mais com ele, porque também é advogado. Também podia dizer que o senhor se parece com o Mr. Bean ou com o Zezé e o Toni da 'Conversa da Treta'".

Depois desta troca de galhardetes, José Mota considerou que se estavam a levantar nuvens de fumo em relação ao campo de hóquei: "Se calhar até se quis criar a ideia nas pessoas que alguém da Câmara ficou com esse di-

nheiro fornecido pela MacDonald's. Além disso, qualquer colectividade tem o direito de lutar por aquilo que é o melhor. A Câmara nunca se comprometeu e não tem responsabilidades com o que a Associação Académica de Espinho faz".

Acerca dos bares, Mota não forneceu nenhuma explicação suficientemente conclusiva para se saber qual o destino do bar da Avenida 8. O presidente da CME disse apenas que o maior problema do bar seria a falta de casa de banho. No que toca ao funcionário da Câmara que supostamente iria receber uma exorbitância em horas extraordinárias pelos serviços prestados à CME no Brasil, José Mota sublinhou que Jorge Carvalho estava a pôr em causa pessoas. "Devia ter dito quem era esse funcionário, para ele reagir", disse, frisando que "nenhum dos funcionários recebeu horas extraordinárias, apenas ajudas de custo, que não são tão grandes como isso".

Seguidamente, José Mota respondeu a Correia de Araújo salientando que

"temos um calendário de eventos interessantes. Vai realizar-se em Espinho o Festival Internacional de Música, a Taça do Mundo de Esgrima e o Festival Internacional de Folclore, que traz cerca de 600 pessoas de todas as partes da Europa".

A palavra tranquilizadora de Mota no que toca ao enterramento da linha foi a esperada: o projecto está de boa saúde e recomenda-se. "Este projecto é de

custo elevado, mas desde a primeira hora que tem andado serenamente, mas de forma eficaz. Penso que os prazos têm vindo a ser cumpridos. Tem havido vontade, por parte do Ministério do Ambiente e da Refer, para que o processo avance. Não há nenhum TGV que ponha em causa a obra".

Depois de todos os esclarecimentos efectuados, a Assembleia terminou com a aprovação das actas. ■ R.V.S.

Encontro concelhio da CDU

A Coligação Democrática Unitária (CDU) vai realizar amanhã, sexta-feira, pelas 21h30, no Centro de Trabalho de Espinho do PCP, o seu Encontro Concelhio.

Aí, candidatos, eleitos, activistas e simpatizantes da CDU debaterão as ideias principais que aquela coligação defenderá nas próximas eleições autárquicas, apreciarão vários documentos a apresentar pela Comissão Coordenadora de Espinho e designarão o candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Espinho, para além de outros cabeças de lista. ■

Casa Romeu

FILIPE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó - MultiOpticas

Qualidade e experiência ao seu dispor

Rua 19 n.º 242
Rua 12 n.º 576 - 1.º

4500 ESPINHO Portugal
Tel. / Fax 227343056

Armações
Lentes de Contacto
Óculos de Sol



MARCAMOS CONSULTAS PARA MÉDICO OFTALMOLOGISTA

EXIJA OS CUIDADOS DE UM PROFISSIONAL
OS SEUS OLHOS VÃO VER A DIFERENÇA

TESTE DE VISÃO GRATUITO

Ângulo das Ruas 21 e 18 - Tel. 227330990 - ESPINHO

RESTAURANTE MAGAMAR

ESPECIALIDADES
Bacalhau à MAGAMAR
Peixes Grelhados
Espetada de Marisco
Sopa de Peixe



POR ENCOMENDA
Caldeirada de Peixe
Feijoada de Marisco
Arroz de Marisco
Feijoada de Polvo

AV. JOÃO DE DEUS, 1484 - ESPINHO - TELEFONE: 227 320 282 - TELEMÓVEL 918 108 270



ANTÓNIO SANTOS

Um jornal e muitas pessoas



Há 25 anos, quando o primeiro número do "Maré Viva" apareceu à venda, a maioria dos seus redactores e responsáveis tinham menos anos de idade do que o tempo que desde então já passou. Quer isto dizer que a criação do jornal, ocorrida no contexto das grandes mudanças do 25 de Abril, foi sobretudo um acto de força de vontade e de entusiasmo juvenil, caldeado pela experiência de algumas pessoas mais velhas que ajudaram a fazer com que aquela aposta amiscada não soçobrasse a prazo.

Diga-se, porém, que se a idade era pouca, a experiência jornalística já era alguma, iniciada nos anos imediatos ao 25 de Abril no único jornal local então existente, o semanário "Defesa de Espinho". Lançados para a responsabilidade máxima desse jornal logo após a mudança política de 74, esses jovens jornalistas amadores, quase todos estudantes, viram-se afastados da direcção e da redacção do semanário espinhense algum tempo depois, na sequência dos conturbados acontecimentos daquele período da história portuguesa recente. Assim, se não perderam o emprego, ficaram, pelo menos, em risco de deixar de ter um instrumento para fazer o que gostavam - o jornalismo possível nas condições existentes - e para dar o seu contributo para a construção de um país diferente.

Porém, num tempo em que o desafio para a acção era permanente e em que para fazer bastava querer, numa questão de poucos meses não só se criou um novo jornal, o "Maré Viva", como se lançou uma cooperativa de acção cultural, a Nascente, com origem e desenvolvimento posterior indissociáveis e intimamente ligados. E se me coube ser director do jornal, primeiro durante uns meses e depois durante alguns anos, isso não foi mais do que dar cumprimento a uma obrigação legal, porque o que verdadeiramente importava era todo um trabalho colectivo, centrado num pequeno núcleo redactorial a que se juntavam muitos colaboradores na escrita e nas múltiplas tarefas decorrentes da produção e distribuição do jornal.

Julgo, aliás, que esse espírito de equipa e de responsabilização partilhada e assumida foi um dos aspectos mais marcantes desses anos, cada vez mais difícil

de transmitir nos dias que correm. Isto porque se tratou de uma actividade desenvolvida no mais puro regime de voluntariado, sem que fosse sequer necessário acenar com qualquer Ano Mundial como o que agora se celebra. Quando, por exemplo, calha dizer a gente mais jovem que fui director de um jornal semanal durante uma meia dúzia de anos sem receber um tostão (bem como todos os outros), é visível que isso faz hoje muito pouco sentido. Mas era assim que as coisas funcionavam, com o trabalho de mandar o jornal aos assinantes todo feito de início manualmente e mais tarde com recurso a uma maquina que avariava mais do que funcionava, ao fim da tarde e à noite, depois dos empregos ou de outros compromissos, ou com o trabalho administrativo e burocrático garantido nas horas livres por quem a isso se dispunha, sem contrapartidas.

Isto é, sem as contrapartidas que mais frequentemente se valorizam, porque havia outras. A maior de todas era, por certo, o espírito de amizade e companheirismo que reinava, aliado à grande disposição para intervir e ajudar a desenhar uma sociedade que se queria nova e diferente. Nesse sentido, o "Maré Viva" e a Nascente, que tem a mesma idade, foram um grande espaço de encontro e descoberta para muitas centenas de pessoas, sobretudo jovens, que no contexto das actividades que ali desenvolveram viveram experiências ímpares, que em muitos casos levaram com eles para as suas futuras actividades.

Podem, pois, o "Maré Viva" e a Nascente orgulhar-se de terem sido, e podem continuar a ser, uma verdadeira escola de formação e de promoção de pessoas, muitas delas hoje em lugares destacados em áreas profissionais variadas, incluindo a comunicação social. Parecerá, porventura, exagerado dizer isto desta forma, mas não me parece que seja despropositado assinalar que em torno do "Maré Viva" (e da Nascente) se juntou um conjunto de gente com competências, capacidades e vontades como não se terá visto muitas vezes na história de Espinho.

São essas pessoas que de alguma maneira estão presentes nesta breve evocação de um aniversário de um pequeno jornal, as quais saúdo com amizade, e que aqui invoco para lembrar que em qualquer momento, em qualquer local, é sempre possível ser mais e ser melhor. ■



CARLOS MORAIS GAIO

Uma grande força de vontade

Deveria ter usado toda a lucidez possível, mas deixei-me ir na onda e disse que sim. Tenho, por isso, que desenrascar esta crónica, correndo altos riscos, impensáveis e improváveis se o assunto e o momento fossem outros. A verdade é que falar do aniversário do "Maré Viva", ainda mais quando se contam as bodas de prata, é praticamente tão perigoso como escrever uma crónica de Natal, vêm à tona as palavras feitas, os cânticos celestiais e outros verbos de encher. Devia ter declinado o convite e convencido o Nuno (profundamente teimoso e capaz de me tirar do sério) a convencer alguém dessa malta nova que aguenta hoje grande parte do Jornal a falar do presente e a ensaiar ideias para o futuro.

Quando surgiu, em 1976, o "Maré Viva" atrevia-se a entrar em terrenos dominados durante décadas sucessivas por um só semanário, sólido no título e nos suportes materiais disponíveis, tendo-se sujeitado a um certo desdém e a uma clara desconfiança.

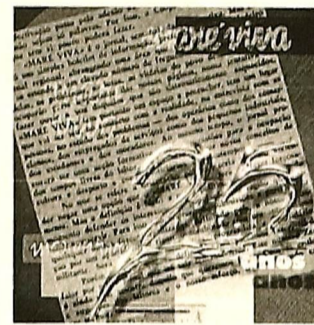
A maioria das pessoas andava na casa dos vinte anos tinha o apoio de uns poucos mais velhos e duros de roer, viviam-se tempos agitados, sonhava-se e acreditava-se numa série de valores e de causas. O Jornal era, acima de tudo, uma aventura, muito discutida e muito pensada, queriam-se outras formas de escrever, de informar, de participar no dia-a-dia de Espinho. Os mais puristas e os mais activos dessa época podem encarar os dias de hoje, passado esse encantamento, com algum desencanto e, talvez, com algum desdém, porque as coisas são raramente aquilo que queremos, mas só o que é possível.

Ligado desde o início a este projecto, ainda que sem a combatividade e o dinamismo de outros, nunca consegui ficar indiferente a este esforço, às vezes doloroso,

de aguentar o compromisso de trazer cá para fora, todas as semanas, um jornal minimamente credível. Mesmo quando me afastei, senti sempre uma admiração grande por quem continuava a lutar. Passados tantos anos, o título conseguiu afirmar-se, apesar das dificuldades materiais e à custa de alguns sacrifícios individuais, em certos momentos penosos porque as correntes adversas faziam-se sentir de várias formas. Penso, muito sinceramente, que este percurso de vinte e cinco anos não envergonha ninguém, mesmo sem se terem cumprido muitos dos sonhos.

O "Maré Viva" funcionou, sempre, como um espaço livre, apesar das pressões, e tem dado voz a várias gerações de jornalistas amadores, estimulando vocações e vontades. Nunca caiu no estilo mais fácil e sensacionalista, nunca perdeu de vista um conjunto de preocupações culturais, soube sempre ser diferente e nunca foi instrumento de outras forças, que não da própria vontade de quem o faz, número a número. O "Maré Viva" entendeu as circunstâncias, não se deixou ficar preso a dogmas, soube evoluir dentro dos limites do viável e tem sobrevivido sem perder a dignidade.

Ao cumprir vinte e cinco anos consegue, aliás, um feito raro na história da nossa imprensa. Só dois outros títulos o conseguiram, em cem anos de imprensa local: o "Defesa de Espinho", que anda por cá desde a década de trinta, e a "Gazeta de Espinho", fundada em 1901 e que se aguentou durante muito tempo (ainda que sofrendo algumas interrupções pelo meio). Queiramos ou não, a verdade é só uma, o "Maré Viva" conseguiu sobreviver e faz história como um dos jornais de Espinho com mais tempo de duração, facto suficiente para comprovar as virtudes deste projecto. Pelo menos, a de uma grande força de vontade! ■



DIRECTORES DO 'MARÉ VIVA'

Ao longo destas 26 anos de publicação, o 'Maré Viva' teve os seguintes directores:

N.º 0 (21/05/76) ao n.º 10 (01/08/78) ANTÓNIO SANTOS
 N.º 11 (06/08/78) ao n.º 77 (28/12/77) VÍTOR SOUSA
 N.º 78 (06/01/78) ao n.º 320 (30/12/82) ANTÓNIO SANTOS
 N.º 321 (08/01/83) ao n.º 400 (28/07/84) NUNO BARBOSA
 N.º 401 (30/08/84) ao n.º 419 (17/01/85) A. MOREIRA DA COSTA
 N.º 420 (24/01/85) ao n.º 498 (30/10/88) JOSÉ RAFAEL TORMENTA
 N.º 500 (08/11/88) ao n.º 851 (07/12/88) ALFREDO CASAL RIBEIRO
 N.º 852 (14/12/88) ao n.º 888 (28/03/90) ANTÓNIO GAIO
 N.º 887 (06/04/90) ao n.º 878 (07/06/90) ALFREDO CASAL RIBEIRO
 N.º 877 (14/06/90) ao n.º 854 (11/07/98) CARLOS MORAIS GAIO
 N.º 855 (18/07/98) ao n.º 1021 (23/12/97) ALBANO ASSUNÇÃO
 N.º 1022 (08/01/98) ao n.º 1088 (22/04/98) ANTÓNIO GAIO
 A partir do n.º 1087 (28/04/98) NUNO BARBOSA

ALBUQUERQUE PINHO
 FILOMENA MAIA GOMES

ADVOGADOS

ESCRITÓRIOS
 Rua Júlio Dinis, 778 - 4.º Dt.º
 Telef. 22698704 - 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343 - Tel. 227342964
 4500 ESPINHO

Maria do Céu
 Santos

ADVOGADA

Rua 18, 582, 2.º Esq.º, Sala 1
 Telefone 227312100
 4500 ESPINHO

GPR

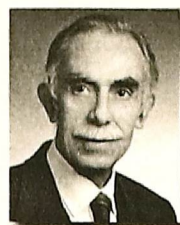
Glória & Paula Reis, Ld.ª

- * GESTÃO
- * FINANCIAMENTOS
- * CONTABILIDADE
- * AUDITORIA
- * VIAGENS
- * SEGUROS
- * PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Rua 30 N.º 614 - Tel. 227330180 - Fax 227311862
 4500 ESPINHO



ANTÓNIO GAIO



AUGUSTO MOTA

A angústia da semana seguinte

No princípio foi uma explosão de sonhos e arrebatamentos, de ideias e ideais à desfilada, levados pelas ondas duma revolução generosa.

A "sombra de uma azinheira" alongavam-se os cordões de fraternidade, ordenava uma forte vontade de mudança... Mas, dois anos depois, os passos em frente pararam e iniciava-se a onda de recuo sob forte pressão, ao mesmo tempo que se marcava a resistência dos que acreditavam num tempo novo. Aqueles que foram contestados e acusados na Associação Académica local, por terem colaborado na dinamização cultural, viram abertas as portas da rua. Aqueles que foram intimados e escoraçados, em nome da democracia, da "Defesa de Espinho", foram também para a rua.

Lembras-te, António Santos, quando, revoltado, no final da Assembleia dos donos do jornal, me perguntaste se era possível, se podia ser assim? Sim, a força estava do lado do dinheiro e dos sagrados direitos da propriedade. Domesticado o medo que os paralisara, atiravam agora a mordalha. Mas esta caiu na valeta.

Das vozes incómodas e da revolta nasceu uma cooperativa cultural. Uma associação que se propunha lançar um novo jornal, além de outras actividades de mais valia intelectual. Um novo jornal que se afirmava como anti-fascista, de esquerda, de páginas abertas aos que acreditavam numa sociedade diferente e melhor, mais humana. Aí estava o "Maré Viva"!

Aí estava um grupo de novos, apoiado pela experiência de "jovens" mais maduros, apostados na companhia da alegria, da esperança e do querer da intervenção cívica. Aí estava a tarefa nada fácil de fazer um jornal todas as semanas, de afirmar uma presença activa e participante. Belo tempo esse, do início, em que se adivinharam vocações, se traçaram destinos e se construiu um caminho que a todos iria marcar.

O tempo passou e foi batendo à porta deste ou daquele com as exigências e imposições dos estudos, das carreiras, das transferências, fazendo estragos na equipa. E, com as ausências, apareceu então uma "presença" incómoda, uma pressão a que bem podemos chamar de angústia da semana seguinte, do jornal seguinte. Mal saía um, estava logo outro à espera, a exigir do director a tensão e a responsabilidade de novos artigos, de notícias, de entrevistas... E os colaboradores falhavam tanta vez, tão "ocupados", tão distraídos. E a angústia a crescer, dominadora, desgastante. E, ainda por cima, tudo por amor à camisola, de borla! Foi, e é, uma luta tremenda, de "heróis"!

E, depois, o impacto, as tiragens do jornal, as críticas, as acusações, o ser e o não ser, as contas a pagar na tipografia, caramba!, como foi possível resistir a tanto e durante estes anos todos...

É por tudo isto que não esqueço os que foram sacrificados com a "carga" de director do "Maré Viva" e não lhes regateio louvores nem escondo a minha admiração. Mas, antes de terminar, há, no entanto, quando revejo o passado do Jornal, sujeito ao bom e ao menos bom, com altos e baixos, tal como as pessoas, um aspecto que não é tão pequeno como possa parecer e que quero aqui marcar. Aliás, é um pormenor que se verifica também noutras actividades da Nascente e que satisfaz bastante.

Estou a lembrar certos nomes que figuram, com mérito, como colaboradores de um jornal de grande tiragem como é o "Público" e que, salvo erro, aqui no "Maré Viva" deram os primeiros passos jornalísticos, no alinhamento de palavras e ideias.

Refiro-me a António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa e David Pontes. Espero que eles me perdoem a referência aqui feita somente em abono de um aspecto que julgo de grande relevo para o "Maré Viva" e a Nascente, o da formação. ■



Já é da História: aos 21 dias do mês de Maio de 1976, tinha a Revolução dois anos, é lançado em Espinho o jornal "Maré Viva", para espanto de muitos, satisfação de outros e arrelia de alguns.

O "Maré Viva", no quarto de século que leva de vida, respeitou, no essencial, o seu primitivo Estatuto Editorial. Os desvios verificados em alguns momentos do seu percurso não se identificam com a negação dos princípios que o enformam. Terão sido fruto ocasional de alguma desorientação ou desencanto face às contínuas alterações sócio-políticas verificadas no país.

Quando o "Maré Viva" nasceu, tudo era mais fácil. Era ainda tempo propício ao sonho, à utopia. Era ainda o tempo em que o tempo permitia pensar que já era tempo de dar a volta à vida, de mudar o mundo, porque "o sonho comanda a vida". E, assim, nesse tempo, puderam muitos sonhar o mais lindo sonho das suas vidas!

Era o tempo da militância alegre e eufórica. O tempo em que, ao Jornal, sobrava gente para o dirigir, escrever, paginar e distribuir por toda a extensa região à volta de Espinho. Dois exemplos paradigmáticos dessa militância foram essas duas figuras ímpares a quem é tempo de prestar homenagem pela excelência da sua colaboração durante tantos anos: Carlos Pinheiro de Moraes e os seus "Rascunhos" e Alberto Barbosa (BEKA), que, convidado a vir colaborar com os "rapazes" (como ele dizia), de pronto respondeu: "Pois vou com eles, sim, e levo a 'filha' - a 'Gazetilha'!".

A História do último quarto de século veio provar que o tempo de mudar o mundo ainda não chegou. O que ela, porém, não conseguiu provar é que não continua a ser necessário e possível mudá-lo. O que a História nos ensina, e o "Maré Viva" espelha nos seus 25 anos de vida, é que o tempo é outro, diferente de todos os tempos: nem o tempo de Santo Isidro em que, quando ele interrompia o trabalho de lavar a jeira, para ir rezar, logo os anjos desciam para pegar o arado e continuar com a lavra, nem tempo de assumir tarefas cuja dificuldade exceda as possibilidades deste homem que somos, inculto, egoísta, venal, desumano. Mas, nem que seja preciso esperar pelo quarto nascimento do homem de que fala Edgar Morin, é necessário continuar a sonhar e a manter, além e acima das dificuldades desta "travessia do deserto", o brilho apelativo da utopia.

O tempo é outro, de facto. E vai piorar com o destempero dos homens que se

arrogam o direito de dispor do mundo. Algumas centenas deles já conseguem gerir, quase arbitrariamente, as condições de vida dos 6 biliões de habitantes da Terra. E tudo se apresta para que, em Portugal, toda a comunicação social de largo consumo, a televisão, a rádio e os grandes jornais, fique na posse de apenas dois ou três donos que produzirão somente as notícias que sirvam os seus interesses. E quem nos dará notícias independentes, fiáveis?

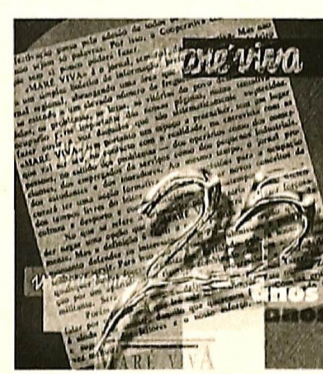
Creio que o tempo que se aproxima será o tempo dos órgãos de comunicação regional, nomeadamente a imprensa. Só estes poderão manter, cada um, a sua utopia, cada qual o seu sonho; e empenhar-se (os que quiserem um lugar na História) em fazer dos homens o Homem que o futuro exige.

A imprensa regional vai ter de se aprestar para a acrescida importância que vai ter nos próximos tempos. E vai ter de mudar. Um jornal não pode editar-se apenas para ser assinado ou vendido, mas para ser lido. Terá, para isso, de escolher a matéria, o tamanho, a forma, a apresentação e o destaque de cada peça a publicar. Tem de saber interessar o leitor, agradar-lhe também, desenvolver o seu espírito crítico e aumentar-lhe a cultura geral. A notícia não pode ser uma fonte de escândalo e de lucro, mas matéria de formação das pessoas.

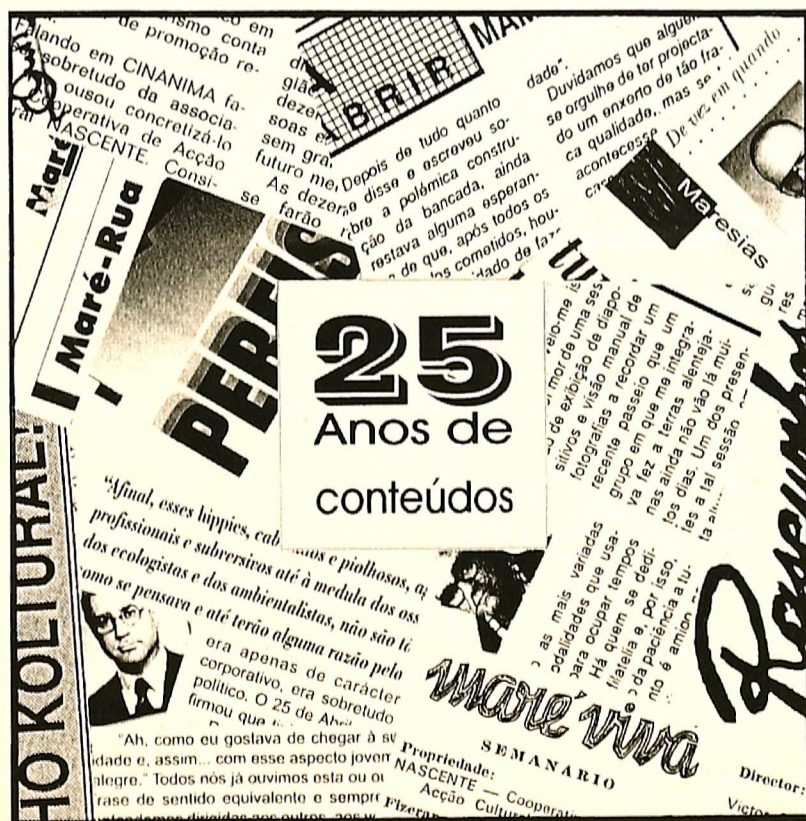
É preciso começar. Preparar o caminho e começar a andar porque só andando se vence o caminho e se chega ao destino. Será um trabalho de longo prazo. Não é amanhã que temos de entregar aos nossos filhos o mundo que sonhámos e sonhamos. Nem eles, sequer, o poderão ainda fazer. Só quando surgirem os sinais do tempo propício, e os homens, pelo saber acumulado em muitas gerações, se suberem capazes da ciclópica tarefa, se poderão construir esse mundo. E só então esses homens poderão fazer o grande testamento da História legando aos seus filhos o mundo novo. E então se cumprirá o destino do Homem.

Até aqui, o "Maré Viva" cumpriu a tarefa que se propôs: a de manter viva a utopia e de sustentar o sonho que o criou. E assim se cumpriu; e, cumprindo-se, fez História, ao contrário daqueles que, vegetando à margem dela, ou esgrimindo a fazer o já feito, não têm outra história que não seja a história de a não terem.

É preciso que o "Maré Viva" se cumpra também daqui em diante. Eu espero, no duplo sentido que a palavra tem, de expectativa e desejo, que isso aconteça. ■



O Cartoon do Carlos



Maré-Rua

Que tal "O Bar da TV"?

SÍLVIA BRAGA
18 anos, estudante

"O Bar da TV" é um programa que aparece no seguimento da ideologia actual da TV portuguesa, ou seja, um programa com um nível de cultura extremamente baixo e em que nada vai contribuir para a nossa formação. ■

HENRIQUE FERNANDES
31 anos, empresário

Acho que exageraram no formato, uma vez que expõem em demasiado os concorrentes, que não se apercebem das imagens transmitidas a todas as horas. Além disso, acho o nível cultural demasiado baixo. Ainda, alerta para o facto de o ser humano ser capaz de fazer este tipo de figuras só para ganhar mais algum dinheiro. ■

MANUELA FERREIRA
20 anos, estudante

Nunca vi e nem tenciono ver. Penso que será imitação burlesca do programa emitido pela TVI, "Big Brother". Penso que será mais um programa que não tem interesse do ponto de vista cultural nem educacional. ■

ARTUR ROCHA
24 anos, emp. escritório

Acho que a televisão portuguesa a nível geral está a ficar demasiado saturada com estes programas, os *reality shows*. Espero que esta tendência não se mantenha e que esse panorama mude rapidamente. Queria apenas frisar mais um aspecto que acho importante, que é o facto de terem concorrido mais de cinquenta mil pessoas. ■

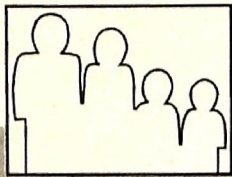
NARIA DAS DORES SILVA
48 anos, doméstica

Gostei muito, eles são todos muito simpáticos e bonitos. É um programa que me diverte, embora muitas vezes os concorrentes exagerem nas atitudes que tomam. ■

RUI FIGUEIREDO
25 anos, estudante

A televisão portuguesa vai de mal a pior, assim com a cultura da nossa população, que se fosse um pouco melhor, não via programas desse nível. "O Bar da TV" é pior do que o "Big Brother", como ficou provado com a carta que a Alta Autoridade enviou para a SIC. É pena não ter sido antes, pois poderia ter-se evitado mais um reles programa de televisão. ■

despoimentos recolhidos por M.G.



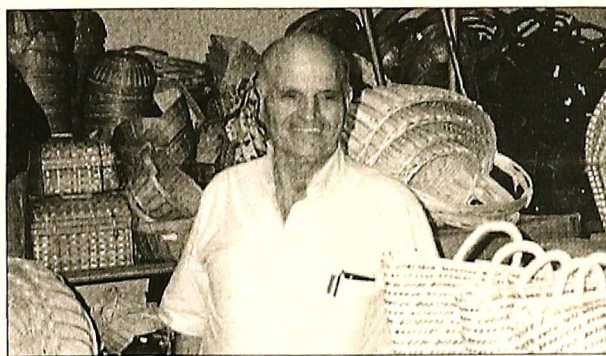
ARTES & OFÍCIOS

ANTÓNIO PEREIRA DA SILVA, cesteiro

Gosto, paciência e esforço

Desta vez, o "Maré Viva" foi falar com uma profissão já praticamente inexistente em Espinho e que, infelizmente, tem vindo a cair um pouco em decadência de alguns anos para cá - o cesteiro. Assim sendo o nosso jornal foi falar com uma figura bastante carismática deste ofício, o sr. António Pereira da Silva. Este cesteiro trabalha maioritariamente no processo "compra e venda", ou seja, compra os produtos para mais tarde os vender, mas continua ainda a fazer cestos por encomenda e a fazer "alguns arranjos, alguns jeititos às pessoas que pedem".

António Silva começou a exercer esta profissão "por herança", uma vez que, já os seus pais eram cesteiros - "na altura trabalhavam na rua 2". Depois, por volta dos seus onze anos começou a ajudar os pais, com quem foi aperfeiçoando esta arte, conciliando-a também com muita actividade desportiva: "Comecei aos onze, o que aliás agora é proibido, aprendi com o meu pai mal saí da escola e ia intercalando esta profissão com desporto, algo que sempre adorei fazer, jogava hóquei em patins durante a semana e ao domingo futebol". Na altura em que o nosso entrevistado trabalhava com os pais e também com os irmãos, havia sempre trabalho, mas depois tudo começou a piorar e o sr. António viu-se obrigado a tentar a sua sorte na Venezuela: "Fui para lá com 27 anos a regressar aos 42". Lá "também



trabalhava no artesanato, tinha cerca de 38 clientes em Caracas", mas o nosso inquirido diz não ter gostado, nem por nada, desta experiência pois achou este país "muito desequilibrado e perigoso". Por fim, voltou para Portugal onde ainda permanece nesta profissão e afirma que "hoje dou muito valor ao que tenho porque me lembro dos tempos difíceis por que passei".

António Pereira da Silva diz que "nunca tive tempo de sequer pensar em arrepender-me de ter escolhido esta profissão. Na altura, não pensava no futuro, era uma pessoa 'leviana', agora já estou organizado, já tenho a minha casinha..."

Segundo este cesteiro são necessárias certas aptidões para que se possa desempenhar bem esta profissão. É extremamente importante "ter muito gosto em aprender" e ser-se imaginativo "fazer-se invenções de modelos". É também um artesanato que exige "muita paciência, é quase como a costureira; é também necessário muito esforço para que com o tempo e foi aliás por isso

que me vi obrigado a dedicar à compra e venda".

Falando agora em termos de remuneração, o sr. António não se mostrou muito satisfeito, pois, segundo ele, "é um trabalho em que para se ganhar algum dinheiro é preciso muito trabalho".

Antigamente "havia mais dinheiro e as pessoas compravam. Agora, não há, e como nenhum dos meus artigos é de primeira necessidade, só os compra quem tem mais dinheiro" mas mesmo dos que têm "poucos são aqueles que hoje em dia ainda gostam de artesanato".

Quando lhe resta algum tempo livre, o sr. António gosta de dormir pois "não sou homem de cafés nem de tascas e normalmente trabalho até tarde".

Gosta também de ver televisão principalmete desporto e "filme de acção porque são mais activos". Aprecia também ler o seu jornalzinho "principalmente a parte de desporto, porque eu adorava as duas actividades desportivas que praticava mas desde que fui para a Venezuela tive que as deixar...". E.R.



Memórias

O 'MARÉ VIVA' HÁ 20 ANOS

A festa da Nascente,
lixelras
e jogadas de baixa política

Há 20 anos atrás, os membros da "Nascente" afadigavam-se em proporcionar, a todos, uma festa digna dos cinco anos de existência da cooperativa. Assim sendo, estiveram presentes alguns cantores conhecidos: "60 meses de muito trabalho, 1800 dias de árduo empenho, sábado à noite foi a festa de cinco anos de alegria. Na piscina, pela quinta vez, reuniram-se sócios e activistas da Cooperativa de todos nós. Tinha sido ali, naquele local, que, com o filme 'Deus, Pátria, Autoridade', exibido na altura em que saía o número zero de um novo jornal, nascera vão lá cinco anos, a Nascente".

De acordo com o relato, foram vividos vários momentos interessantes. Porém, o culminar da noite deu-se com Vitorino, que "fecharia a festa, abrindo o 6.º ano de trabalho contínuo da Cooperativa: canções do povo, da reforma agrária, melodias populares e canções de amor. De Lisboa e Alentejo até Espinho e a vontade de querer aqui voltar até porque 'a vossa comida é muito boa!'. A popularidade deste cantor da revolução reflectiu-se na forma como as pessoas, simultaneamente, trauteavam as canções".

Se o acumular de lixeiras ainda agora constitui um problema, imagine-se há duas décadas atrás: "Nas estradas de acesso a Espinho é frequente depararmos com lixeiras, como por exemplo nas zonas de Silvalde e Paramos. Também por parte de algumas unidades fabris continua a verificar-se o não cumprimento de normas estabelecidas. Será que a fiscalização da Câmara tem actuado para pôr cobro a situações destas?".

Responsável pelo pelouro de Higiene e Limpeza, Casal Ribeiro explicava em entrevista ao "MV" que, "efectivamente, há quem deposite lixos em qualquer lado e as entradas a sul de Espinho são muito afectadas. No que respeita às populações em geral, há que proporcionar-lhes os meios para se poderem desfazer dos lixos sem recorrer a vazadouros eventuais e públicos, é isto que estamos a fazer e procuraremos melhorar no ritmo possível. (...) Apesar de tudo, creio que não será através da repressão e fiscalização que estas situações se evitam e espero que todos, particulares, industriais e comerciantes, contribuam para a melhoria gradual de higiene e aspecto de todo o concelho, contando com a colaboração dos Serviços do município".

Foi uma "jogada de baixa política, esta do Governo sobre a delimitação dos sectores público e privado", escrevia-se no "MV", explicando-se que, "em termos bastante mais simples e directos, a tentativa de abrir à iniciativa privada importantes sectores da economia nacional, com particular relevo para a banca e os seguros é uma baixa jogada porque, antes de mais, apresenta de novo uma lei praticamente copiada de anterior tentativa - 'chumbada' pelo Conselho de Revolução, na base da sua inconstitucionalidade. Aliás, o ano passado, só à terceira vez a lei conseguiu passar na Comissão Constitucional, e por margem reduzida. No Conselho de Revolução, entretanto, não passou, tudo levando a supor (espera-se) que não passará ainda desta vez. A Constituição de 1976 continua em vigor...". ■ R.V.S.

ópticaPIRES

Melhor
É impossível

RUA 14 N.º 725
4500-233 ESPINHO
TEL. 227340296 - FAX 227311663

Francisco de Oliveira

SOLICITADOR

ESC.: Rua 19 n.º 405 - 2.º C
Tel. 227320680
RES.: Rua Padre Sá n.º 201
Paramos - Espinho
Tel. 227345190

Bom café... é
da

CASA ALVES RIBEIRO

da Rua 19, 294 - Espinho

tem fábrica própria



RUI ZINK

Um bocadinho de eco das coisas

O futuro a Deus pertence e fica ainda melhor dizer que o futuro da literatura a Deus pertence, ou não está escrito no Bom Livro que "No princípio era o verbo"? Reparem, não está escrito "no princípio era o audiovisual", ou "no princípio era a televisão", ou "no princípio era a Internet". No princípio - era o verbo. O verbo. A palavra. A palavra de Deus feita rio, mar, árvore, homem, esquilo. Deus escreve frases com as coisas do mundo, e nós reescrevemos o eco dessas coisas - a escrita é a única e verdadeira religião, porque não é o homem a tentar imitar Deus - com a clonagem, com o telefone sem fios, com o ecrã multimédia interactivo.

A imprensa foi inventada só há quinhentos anos, mas a escrita acompanha o nascimento mesmo da humanidade tal como a conhecemos. Em Foz Coa, os nossos primos tentaram nomear o mundo, mas faziam-no incipientemente, ainda tentavam - quimera das artes visuais - agarrar as coisas tal como elas eram: uma árvore era uma árvore, um búfalo era um búfalo, um homem caçando um búfalo era um homem caçando um búfalo.

Até que um dia a escrita se libertou dessa referencialidade. Saussure, um dos pais da linguística moderna, sublinha que "o signo é arbitrário". Com isto ele quer dizer que a palavra "árvore" tem tão pouco a ver com o referente concreto como as palavras "tree", "baum", "arbol", ou "drvo". A língua tornou-se auto-referencial, vive do seu próprio ecossistema de signos e sons, e se há palavras que ainda mantêm um gosto sinestésico, como "margarida", "suave" ou "chulé", muitas outras há que abandonaram há muito esse perigoso voo de Ícaro, a quem as asas de cera derreteram por se aproximar demasiado do sol, que era a ambição de igualar a Deus no poder de nomear o mundo.

A escrita - o prazer da escrita - nasce de um acto humilde, um acto de distanciação perante a realidade para mais respeitosa e agarrar. Eu diria mesmo que, apesar da discussão corrente por causa das árvores abatidas para fazer pasta de papel, a escrita é a mais ecológica de todas as artes, porque nomeia o mundo sem o ousar perturbar.

A escrita é assim, desde o princípio, a marca do homem de que somos herdeiros - o homem grego, o homem persa, o homem egípcio, o homem hebraico. O que seria de nós sem todos os interlocutores que, desde há milhares de anos - uns dizem 3500, outros 2500, pouco importa -, recorrem à escrita para nos transmitirem as

suas ideias, ou que (o caso de Sócrates) tiveram discípulos ou (o caso de Kafka) amigos que permitiram fazer chegar a nós as suas ideias, a sua visão do mundo? *A escrita não muda o mundo* - esta é uma verdade que tem de ser dita. A escrita não muda o mundo - apenas pode mudar quem os lê, ao livro e ao mundo. Até Marx percebeu isto quando escreveu *O Capital*, ele que dizia que o que importava não era compreender o mundo, mas modificá-lo.

2

Actualmente, o livro atravessa uma crise. Esta frase que acabei de dizer é um lugar comum: se o livro é um espelho do homem (o único, quiçá, tolerado por Jorge Luís Borges), e se é condição inerente ao homem estar sempre em crise, então ainda bem que o livro está em crise - isso apenas significa que tanto o livro como o homem estão vivos.

Uma das crises é tecnológica - se hoje o livro é baixa tecnologia, pelo menos para o escritor, acessível e barata, nem sempre foi assim. Tal como o livro que conhecemos não existe desde sempre, mas apenas desde há cinco séculos, e se aceitarmos que tudo o que nasce morre, é perfeitamente admissível que ele não dure para sempre nesse mesmo formato. Custa-me a aceitar a ideia de ter na mão um livro electrónico, o chamado íbique, até por ser pouco prático levá-lo para locais habituais de leitura como a cama, a casa de banho ou o comboio, mas quem sou eu para negar a revolução tecnológica? Agora, o livro, o conceito de livro, esse perdurará para além de eventuais mudanças no suporte. Nesse sentido, papel ou feixes electrónicos, *venha o leitor e escolha*.

A outra crise é humana. Ela resume-se a uma pergunta tão singela como terrível: a humanidade está a deixar de ler? Estaremos a perder a capacidade de seguir umas garatuhas abstractas compostas, no nosso código, por 26 sinais que designamos de letras e com as quais formamos um número vasto de palavras e infinito de possibilidades combinatórias? A resposta é: não. Ou melhor: espero que não. Ou, melhor ainda: falar em nome da humanidade é muito bonito, mas é perigoso, tão perigoso como o dos terroristas que, n'Os Justos de Albert Camus, matam humanos para salvar a humanidade.

Reparem, não está escrito "no princípio era o audiovisual", ou "no princípio era a televisão", ou "no princípio era a Internet". No princípio - era o verbo. O verbo. A palavra.

Desçamos então um pouco à Terra, à semelhança do Professor Marcelo Rebelo de Sousa.

3

Primeiro, definamos o conceito de livro: um objecto que corresponde a uma unidade. Um livro, para mim, tem de ter sempre uma coerência de ideias, se se trata de um ensaio, no tema, harmonia no tema escolhido, se estamos perante as actas de um congresso, coerência interna na história, se se trata de um romance, ou nas histórias, se é uma colectânea de contos. Um livro é uma unidade - não tem de ser sobre papel. O papel é um suporte magnífico, é o suporte no qual eu espero que os meus filhos busquem ideias e histórias gratificantes, mas não é o hábito que faz o monge.

Segundo, a humanidade nunca leu - livros. Nesse sentido, o presente é melhor do que o passado. Há mais gente a ler, há mais livros para ler, há mais bibliotecas, livrarias, quiosques. E há a Internet, de onde no outro dia pude tirar, grátis, uma obra prima do humor negro, a "Modesta Proposta" de Jonathan Swift, mais conhecido por pôr Gulliver a visitar gigantes e anões humanos do que por sugerir o canibalismo pedófilo como solução para a fome na Irlanda. Sim, definitivamente o presente é melhor do que o passado. A oferta é maior e chega a mais gente. Filhos de pessoas que nunca leram um livro lêem agora livros - às vezes lêem pouco mais do que um, e não o compreendem nem têm prazer com ele, como acontece com demasiados estudantes de literatura; mas parto do princípio de que isto é bom, porque sou um eterno optimista.

E o futuro será ainda melhor.

4

Deparamo-nos aqui com outro problema: *o que lêem as pessoas?* Nos Estados Unidos, que chegam geralmente mais depressa ao futuro do que Portugal, tanto no que o futuro tem de bom como no que tem de mau, há muito que, nas livrarias, distinguem entre ficção - histórias de acção para ajudar a passar o tempo - e literatura, ou ficção literária, que ao respeitável objectivo "ajudar a passar o tempo" acrescenta mais duas balizas: o trabalho sobre a palavra e a densidade da acção humana.

Sejamos claros: muita da ficção que mais vende hoje em Portugal e em Espanha é apenas a transposição para livro do universo de ideias e valores das revistas que se lêem na sala de espera do consultório do dentista. Mas isso não significa a morte do livro, nem é um fenómeno novo ou mesmo preconizador de um futuro lúgubre, antes pelo contrário: o culpado de aparecer nas livrarias este lixo de luxo que é a má ficção em forma de livro tem um nome: Gutenberg. Foi a invenção da imprensa por este simpático senhor alemão, na segunda metade do século XV, que permitiu, sobretudo a partir do sé-

culo XVIII, a contaminação de um objecto nobre - o livro, que durante séculos praticamente só se ocupava do sagrado - pelos critérios estranhos de gargantuas chamadas "Mercado" ou "Gosto do Público".

A invenção da fotografia, recordo, possibilitou o mesmo: hoje, por muito que custe aos nossos corações aristocráticos, um plebeu analfabeto de seis anos tem mais reprodções emolduradas da sua imagem do que um rei de quarenta anos há cinco séculos atrás. É triste, mas é verdade. Se a televisão, o mais poderoso e patético dos meios de comunicação vigentes, dedica o "horário nobre" à matéria mais pobre e vice-versa, por que razão havia o livro de ser alheio a esta corrente?

Ou já nos esquecemos de que o livro é humano, completamente humano, feito porque sabemos que os humanos não são deuses, por sabermos que a nossa imaginação não é infinita, por sabermos que - sem o livro - a nossa memória não é ilimitada, por sabermos que só Deus pode escrever um mundo com coisas outras que não garatuhas de tinta?

5

O futuro, como sempre acontece com estas coisas, passa pelo modo como o olhamos. O livro dominante, seja em papel, seja numa nova super-tecnologia, vai, não duvido, ser preenchido por histórias e ideias de qualidade estética muito duvidosa. Três exemplos, apenas: um dos best-sellers no século XX é o *Mein Kampf* de Adolf Hitler; no ano do Nobel de José Saramago o único livro de Frankfurt de que a CNN falou foi leiloado por vários milhões de contos, não estava ainda escrito, não era literatura e não ia ser escrito pelo seu autor (refiro-me, claro, à autobiografia de Sir Elton John); o best-seller português do mês passado foi o livro do Mário, um concorrente de um programa que tinha, entre outras, por regra a total interdição do exercício da palavra escrita.

Este último caso merece uma observação: se a motivação de Hitler era o fanatismo e a de Elton a vaidade, ambas pouco aconselháveis para escrever um livro, já a do jovem Mário é de outra monta: ele pertence a uma estirpe interessante, e muito em voga, que é a das pessoas que não gostam de ler mas gostavam muito de escrever um livro. Ora o escritor é um parente pobre das artes: raramente um escritor compra um carro quando vende um livro, e quando é necessário defender uma causa ética chamam uma figura mediática e não um escritor. Eu próprio sofro disso: mais conhecido por um programa de televisão onde estive um ano do que por uma actividade que pratico, melhor ou pior, há vinte. Que discreto charme é este que faz com que a sociedade ainda se fascine por escritores, mesmo quando não os lê? Hum? Eu tenho uma teoria: as pessoas sentem que não há nada de mais humano do que a escrita. Que a escrita, com a sua humilde arrogância, é a mais sagrada das chaves para a condição humana. E se calhar têm razão. Apenas falham num ponto: sem a leitura, a escrita não é chave para

coisa nenhuma. Os escritores que se prezam, os que valem a pena, são antes de mais (Borges de novo) leitores.

O futuro é terrível? O presente, reconheço-o, assim parece. Demasiados títulos de livros parecem saídos de maus filmes pornográficos: *Virada do avesso*, *As mulheres deviam vir com manual de instruções*, *Os homens são de Marte e as mulheres são de Vénus*, ou, pior ainda, de anúncios íntimos, tipo *Mulher procura homem impotente para relacionamento sério*. Mas isso apenas significa que as livrarias, ao contrário da lenda, gostam muito de dinheiro, e que, ao contrário da lenda, há mais gente a entrar nas livrarias do que nós julgávamos. O futuro da literatura passa por haver escritores e leitores, isto é, pessoas que considerem proveitoso discorrer através da contemplação de rabiscos abstractos, num código inventado não por Deus mas pelos homens, e o futuro passa por que ambas as partes encontrem formas de se encontrarem.

Nesse sentido, as bibliotecas revelam-se, muitas vezes, formas interessantes de resistência às montras monolíticas, porque as bibliotecas, por definição e limite orçamental, são geralmente menos volúveis aos humores do tempo corrente. E há as livrarias alternativas, e a internet como instrumento de resistência e de transmissão da informação sobre um novo livro interessante (ou até transporte do livro). Aliás, a minha internet, a partir dos dezasseis anos, foram os meus amigos, os amigos que nos emprestam um livro que leram e acham "excelente".

6

E as políticas de Estado? De-las alguém se deve ocupar, mas elas não devem preocupar nem leitores nem escritores. É bom haver um Estado responsável, que crie uma rede de bibliotecas, que financie a cultura, que promova bolsas para escritores, que subvencione embaixadas ao estrangeiro, apoie edições e traduções. Mas a política do Estado dependerá sempre dos homens e das mulheres que forem convidados para *comissariar* as diferentes acções, e num país pequeno como Portugal é difícil fugir aos amores e desamores pessoais. Sobre tudo numa área tão volúvel como a literatura. Falando por mim, sinto que o meu futuro é a um tempo risonho e triste: triste porque a meta final do meu futuro é a morte, risonho porque ainda espero escrever alguns livros, ler mais alguns, e acredito que as vendas e os elogios subirão um bocadinho nos meses que se seguirem à minha morte.

Uma coisa é certa: a minha liberdade futura não está nos livros que eu escrever, mas nos que eu ler. Porque uma pessoa escreve apenas aquilo que pode, um universo afunilado que, há quem o descubra tarde, se revela muito mais limitado do que julgávamos; mas ler, *ler é a liberdade absoluta*.

E aqui estou, sentado à espera, à espera de mais um romance, um ensaio, uma história que me deslumbre e traga o mundo, o mundo que, como o futuro, só a Deus pertence, para dentro de mim, a fim de me pertencer um bocadinho, durante o bocadinho que durar em mim o eco desse bocadinho maravilhoso chamado - leitura. ■

BALANÇO DAS INUNDAÇÕES NO CONCELHO - CONCLUSÃO

Manuel Rocha, vereador com o pelouro dos equipamentos

“90% das ruas de Espinho não têm buracos!”

Setecentos mil contos. Este é o montante que a autarquia espinhense irá dispende para efectuar obras em diversas ruas do concelho, ao abrigo de uma linha de crédito especial criada pelo Governo. Para saber destes e de outros pormenores relacionados com as consequências da intempérie no concelho de Espinho, o “MV” foi conversar com o vereador Manuel Rocha, responsável pelo pelouro dos equipamentos, que, por sinal, tem uma opinião bastante optimista sobre o “estado de saúde” das nossas acessibilidades.

Maré Viva: Quantas pessoas foram afectadas pelas inundações no concelho e qual foi o papel desempenhado pela Câmara?

Manuel Rocha: Quatro dezenas de casas foram afectadas pelas cheias. As pessoas foram encaminhadas para o dr. André Duarte [assistente social], que as inquiriu sobre os problemas que tiveram e, posteriormente, os serviços da Câmara constataram *in loco* os estragos, elaboraram processos individuais e enviaram as respectivas informações e

orçamentos para os serviços distritais de protecção civil. Paramos foi a freguesia mais afectada. Não há um número concreto de pessoas, mas deverá rondar a centena. Os locais mais castigados foram a Marinha de Silvalde, nas imediações da ribeira, o Rio Largo, a praia de Paramos e a Rua Nossa Senhora da Guia, também em Paramos. A contabilidade dos estragos provocados pelas inundações está por fazer, na medida em que os processos ainda estão “em aberto”. A acção da Câmara centrou-se na limpeza e desobstrução

de cursos de água, lavagem de arruamentos, arranjo de aluimentos, etc. Houve casos dramáticos! Houve uma família da Praia cujo processo de realojamento no complexo habitacional da Quinta teve de ser acelerado, em virtude de a sua habitação ter ficado seriamente danificada.

MV: A Câmara não deveria apostar mais numa política de prevenção de cheias?

MR: Em condições normais, o concelho de Espinho faz bem as drenagens das águas. Temos o cuidado de, em época de Outono, fazer uma limpeza das sarjetas. É verdade que existiam alguns pontos críticos, nomeadamente, na Estrada Nacional 109, na Avenida 24 e no Bairro da Ponte de Anta, mas nós estamos atentos a esses locais e temos vindo a trabalhar para que tal não suceda. Em relação aos casos concretos, particularmente o de Paramos, ele só será resolvido quando os detritos que as diversas fábricas despejam no ribeiro de Rio Maior forem estancados. Isso só acontecerá quando a Lagoa for recuperada. As obras de



Manuel Rocha

requalificação daquele ecossistema só se iniciarão no final deste ano. Esta situação não pode persistir, sob pena de as pessoas serem seriamente lesadas. Temos que ser firmes a travar essa poluição, mas não podemos fazê-lo da noite para o dia, porque o que está em jogo é muito sério. Estão em causa postos de trabalho.

MV: E em relação ao Rio Largo?...

MR: Já dei indicações aos meus serviços para efectuarem uma acção de limpeza no ribeiro.

MV: Para quando uma intervenção de fundo nas

ruas do concelho?

MR: A nossa política tem sido a de refazer por completo todas as ruas em que intervencionamos. Eu não digo que as ruas de Espinho estão muitíssimo boas, mas se o senhor andar pelo país verificará que o estado das nossas vias foge à regra, pela positiva. 90% das ruas de Espinho não têm buracos...

MV: O vereador anda de carro pelas ruas do concelho?

MR: Ando sempre. A reparação das ruas que foram afectadas pela intempérie obriga a um investimento de 700 mil contos. Enviámos para o Ministério do Equipamento a relação dessas vias e estamos à espera que a linha de crédito aprovada pelo governo para fazer face a estas obras seja disponibilizada, o que irá acontecer brevemente. Entre as obras a realizar, contam-se: a renovação da rua paralela à Rua 32, do lado nascente; a Rua 36, também conhecida por Estrada das Alminhas; as ruas do Monte, Quinta e Padre Sá, em Paramos; a Rua da Igreja, em Silvalde. Estas obras estão já adjudicadas e

iniciar-se-ão dentro de um mês ou dois. Em adjudicação, temos a Rua da Idanha, desde o IC1 até ao limite do concelho. Outra que irá merecer atenção será a Rua da Igreja de Anta, que vai desde a ponte de Anta à igreja.

MV: E quanto à Rua do Golfe?

MR: A Rua do Golfe e as outras que não estão contempladas neste programa serão executadas pelos serviços camarários, de acordo com as prioridades estabelecidas. Em relação ao golfe, posso dizer que os serviços da Câmara estão a tentar drenar aquelas águas, afundando um pouco mais as valetas, de forma a que, na altura de Verão, se possa levantar o piso um pouco mais. Não faz sentido refazer de novo aquela rua porque, brevemente, irão iniciar-se as obras de refundamento da linha férrea e aquela zona irá ser afectada.

MV: E a rua que dá acesso à Praia de Paramos?

MR: O acesso à Praia de Paramos será reparado no final de Maio, princípios de Junho. ■ V.S.

Executivo paramense diz não conhecer comissão de limpeza do rio

A água como pomo da discórdia

“Não conheço essa comissão de limpeza do rio porque ela, até à data, nunca fez nada. Se quiserem vir à Junta conversar connosco, que venham. Nós somos uma Junta de diálogo.” Foi nestes termos que Américo Castro, presidente da Junta de Freguesia de Paramos, se referiu, na Assembleia de Freguesia de 4 de Maio, a um grupo de cidadãos que, cansados de verem as suas habitações invadidas pelo leito do ribeiro de Rio Maior, têm colocado alguns entraves à movimentação dos camiões que estão a descarregar grandes quantidades de terras numa parcela de terreno onde o executivo paramense pretende construir um parque de lazer.

Confrontado com as afirmações do autarca, Luís Pimenta, um dos elementos que compõem a denominada comissão de limpeza e preservação do ribeiro de Rio Maior, acha estranho que, “estando Américo Castro ligado às lides autárqui-

cas há muito tempo, não tenha conhecimento de uma comissão constituída desde 1979”. Esse sentimento de surpresa e de estupefacção é suplementarmente agravado pelo facto de os referidos elementos terem contribuído com donativos à Junta local com o objectivo de serem promovidas acções de desassoreamento do ribeiro, “numa altura em que o actual presidente da Junta estava nos órgãos autárquicos”, refere César Mendes, outro dos elementos do grupo. “Esta comissão fez obra, deu donativos à Junta; como é possível que o presidente tenha dito uma coisa dessas?!” declara, num misto de incredulidade e revolta. “Temos provas do que dizemos e vamos mostrá-las ao senhor presidente”, afirmaram.

Num documento remetido à Direcção-Regional do Ambiente do Norte (DRA/N) a 3 de Maio, os elementos constituídos em comissão de limpe-

za e preservação da ribeira de Rio Maior alertam os seus responsáveis que as consequências das inundações na Rua da Senhora da Guia, em Paramos, “foram altamente gravosas para os proprietários de casas e terrenos”.

No entendimento destes cidadãos, “a situação agravou-se em consequência de aterros desordenados e outros obstáculos, nomeadamente, tubos de saneamento que atravessam o ribeiro junto à ponte”.

A referida comissão mostra-se tanto mais preocupada quando constata que, “em vez de serem corrigidos, continuam a ser feitas enormes descargas de aterros, tanto na margem esquerda, como na margem direita, sem que haja qualquer compaixão pelas pessoas que poderão futuramente voltar a sofrer piores consequências”, pode ler-se no documento.

A Comissão exorta ainda a Direcção-Regional

do Ambiente do Norte a providenciar a ida de técnicos ao local, de forma a que, “conjuntamente com esta comissão, analise a situação e a melhor forma de a solucionar a curto prazo”.

Não é a primeira vez que as entidades responsáveis pela preservação ambiental são chamadas a intervir nesta questão. Numa missiva datada de Abril de 1999, a que o “Maré Viva” teve acesso, a DRA/N salienta as conclusões de uma visita que os seus técnicos efectuaram ao local. Entre elas, destacam-se: 1. “Existem aterros que dificultam o espraio da água em ocasião de cheia”; 2. “Junto a uma passagem hidráulica, detectou-se a existência de uma conduta de saneamento, suspensa sobre o ribeiro, 20 centímetros acima do nível da água. Esta conduta será, com toda a certeza, mais uma causadora dos problemas das cheias que têm os habitantes locais, pelo que se oficiou a Câmara Municipal de Espinho no sentido de resolver esta situação”. Alertados por quem de direito, por diversas ocasiões, a verdade é que, desde essa data até hoje, nada do que foi sugerido pela DRA/N foi feito, com óbvio prejuízo dos habitantes da Rua da Senhora da Guia, que, apenas durante o corrente ano, viram por duas vezes as águas revoltas do ribeiro sonegar-lhes os bens que, com tanto sacrifício, adquiriram. ■ V.S.



Aí está a manutenção

NAVAL
0
SP. ESPINHO
3

 ESTÁDIO Municipal José Bento Pessoa, Fig. Foz
 ÁRBITRO Isidoro Rodrigues (A.F. Viseu)

Yannick	Sérgio Leite
Hugo	Paulo Serrão
Marco Brás	David
Tixier	Álvaro
José Carlos / 23'	Aldemir / 63'
Binho	Ido / 88'
Valery / 53'	Carlos Miguel
Rui Mendes	Mickey
Paulo Raquete	Vitor Covilhã
Sérgio Lavos / 61'	Ali
Wender	Marcão / 90'
José Dinis	Carlos Garcia
Mingote	Rui Pedro
Fernando	Mauro
Costé / 53'	Maciel
Salviat	Marcelo / 90'
Marinho / 61'	Paulão / 63'
Rui Carlos	César / 88'
Ramia / 23'	Cacá

GOLOS 0-1 Carlos Miguel (45', g.p.), 0-2 Carlos Miguel (48', g.p.), 0-3 Ali (95')

DISCIPLINA Cartão amarelo Marco Brás (45'), Paulo Raquete (46'), Carlos Miguel (49'), Marinho (65'), Rui Mendes (85') **Duplo amarelo** Marinho (88')

Ao vencer fora a Naval por três golos sem resposta, o Sp. Espinho conseguiu, na penúltima jor-

nada, garantir finalmente a tão desejada manutenção, acabando assim os sobressaltos que assolaram a equipa durante quase toda a época.

Cientes de quão importante era pontuar na Figueira da Foz, os espinhenses, mesmo não podendo utilizar peças preponderantes ao longo da temporada, entraram no jogo com muita determinação, deixando desde início a ideia que estavam dispostos a lutar por um resultado que servisse as suas pretensões. Com um meio-campo muito povoado, onde sobressaia a generosidade de Ido e o engenho de Mickey e Carlos Miguel, os "tigres" conseguiram manietar a turma visitada, que praticamente não apoquentou Sérgio Leite nos primeiros quarenta e cinco minutos. Por seu turno, o Espinho também não foi muito incisivo nas acções atacantes, mas fez o suficiente para manter em sentido a defesa navalista. Decorria já o período de compensações do primeiro tempo quando Aldemir se esgueirou pelo meio da defesa da Naval, sendo somente parado em falta, com Isidoro Rodrigues de pronto a assinalar a grande penalidade, que Carlos Miguel aproveitou para inaugurar o marcador.

Logo no início da segunda parte, após uma perca de bola por

parte da Naval a meio-campo, Mickey com um passe longo serve na meia direita Ido, que solto de marcação entrada na área contrária e acabou por ser derrubado pelas costas, com Isidoro Rodrigues de novo a apontar para a marca de grande penalidade. Chamado à conversão Carlos Miguel não falhou e colocou o Espinho a vencer por 2-0.

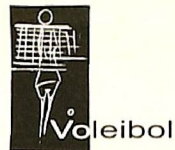
Em desvantagem no marcador, a Naval fez avançar as suas tropas e obrigou o Espinho a recuar em defesa de tão preciosa vantagem. Durante quinze minutos os "tigres" não tiveram ordens para sair do seu meio-campo, limitando-se a equipa praticamente a acções defensivas. Mas era importante conservar o avanço adquirido, uma vez que o mesmo valia o passaporte para a manutenção. Ao assédio dos navalistas responderam os espinhenses com rigor defensivo, não se coibindo a equipa de mandar a bola para a praia quando a situação o aconselhava. A Naval perdeu fulgor e os "tigres", de novo já em período de compensações, desenharam o mais bonito lance da partida, que Ali não desperdiçou para elevar a marca para 3-0, um resultado demasiado robusto mas que foi prémio justo para a entrega dos jogadores espinhenses. ■



Mais uma vitória

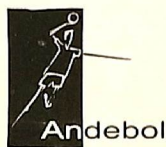
Os seniores masculinos alcançaram mais uma vitória no Nacional da 2.ª divisão, ao baterem o CH Carvalhos por 7 bolas a 3, no recinto do adversário. No próximo sábado, pelas 21h, no Pavilhão Arq.º Jerónimo Reis, a turma academista defronta o líder, a Sanjoanense.

Entretanto, os juvenis golearam (13-0) a Juventude Pacense, os juniores empataram a uma bola com a OLA Mouriz, as seniores femininas perderam em casa com o OC Barcelos (2-3), os iniciados perderam com o Carvalhos por 1-3, e os infantis A venceram a turma gaiense por 3-1. ■



Infantis do SCE campeãs

A equipa feminina de infantis do Sp. Espinho sagrou-se campeã nacional no passado fim de semana, ao vencer, na Maia, os três jogos da fase concentrada. Na jornada inaugural as jovens espinhenses venceram as madeirenses de Câmara de Lobos por 3-0, com os parciais de 25-17, 25-13 e 25-9.

 No segundo dia de prova as raparigas do Sp. Espinho defrontaram p Francisco de Holanda e apesar das dificuldades sentidas venceram por 3-1, respectivamente pelos parciais de 25-13, 26-24, 19-25 e 25-23. No jogo do título, frente à turma do Boavista, as espinhenses começaram por perder os dois primeiros "sets", por 15-25 e 19-25. Contudo a equipa do Sp. Espinho não se deu por vencida e venceu o terceiro parcial por 25-18, repetindo a graça no quarto parcial, que venceu por 26-24. Na *negra* as espinhenses venceram por 15-5 e arrecadaram o título nacional. ■


Manutenção garantida

Ao vencer em casa a Quinta da Princesa por 24-18, a equipa sénior feminina da A. D. Manuel Laranjeira garantiu a permanência no Campeonato Nacional da 1ª Divisão. A equipa espinhense entrou forte na partida e cedo ganhou vantagem no marcador, que ao intervalo lhe era favorável por 10-7. Na segunda parte acentuou-se o domínio das espinhenses, que paulatinamente foram dilatando a vantagem até ao 24-18 final. ■

FUTEBOL POPULAR

Associação na final

Ao empatar a duas bolas em casa do Rio Mau, a Associação de Esmojães garantiu o apuramento para a final da Taça das Taças, já que no jogo da 1.ª mão tinha vencido por 3-1. Pior sorte tiveram os Águias de Anta, que para a Taça Federação do Norte empataram em casa com o Guimarei a uma bola, resultado insuficiente para anular a desvantagem de dois golos (derrota por 3-1) trazida do jogo da 1.ª mão.

A nível interno disputou-se mais uma jornada da Taça Associação. No Grupo 1 o Cruzeiro foi a casa do Império vencer por 2-1, enquanto em Paramos os Est. Vermelhas venceram por 5-2 os Morgados. Pelo mesmo resultado a Juv. Outeiros derrotou a Corga. Para o Grupo 2 destaque para vitória do Guetim sobre a Novasemente por 5-0, enquanto a Ronda venceu em Silvalde os Outeiros por 3-2. Lom-

ba e Aldeia Nova empataram a uma bola. No Grupo 3 a Idanha perdeu em casa com o Desp. P. Anta por 2-1. Pelos mesmos números os Magos foram vencer fora a Juv. Estrada. A equipa B dos Leões alcançou a goleada da jornada ao derrotar os Est. P. Anta por 9-1.

Finalmente no Grupo 4 os Ág. Paramos venceram os Canários por 2-0 e o B. P. Anta derrotou o Desp. Regresso por 1-0. ■

FUTEBOL JUVENIL

Resultados positivos

Em partida da derradeira jornada da Taça Inter-Clubes, os juniores do SCE receberam a bateram o Beira-Mar por 3-0. Apesar desta vitória os espinhenses não foram além do segundo lugar na prova,

que foi ganha pelo Feirense. Para a mesma competição, mas no escalão de juvenis, o clube espinhense derrotou em casa o Salgueiros por 2-0. Em iniciados, os "tigres" derrotaram o Válega por 2-1. No es-

calão de infantis, na segunda jornada da fase final do campeonato distrital, os espinhenses foram a casa da Sanjoanense perder por 1-0. Finalmente, as escolas empataram em casa com o Alba sem golos. ■

Ágata

CALÇADO PARA HOMEM
MALAS • CARTEIRAS • BIJUTARIAS
ARTIGOS DE VIAGEM • MARROQUINARIA

Rua 14 n.º 750 • Telef. 227345633 - 4500 Espinho

Loli - Biju == MODAS

Alberto Tavares

PRONTO-A-VESTIR
 PARA HOMEM E SENHORA

Rua 19 n.º 230 - Tel. 227343711 - 4500 ESPINHO

INFOANIM

Publicidade Assistida por Computador, Lda.

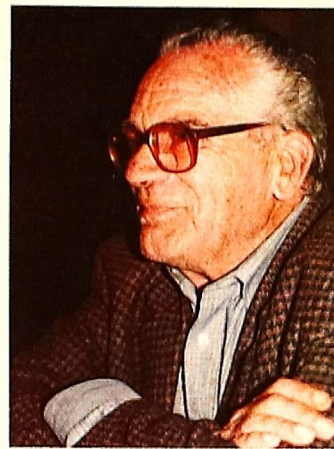
**PC
MAC
AMIGA**

COMPUTADORES
 IMPRESSORAS
 ANIMAÇÃO 2D / 3D
 MULTIMÉDIA

Rua 19 N.º 305 • TELEF. 227312057 • FAX 227312312 • 4500 ESPINHO



Rascunhos



CARLOS PINHEIRO DE MORAIS

Quando o "Maré Viva" apareceu, Carlos Pinheiro de Moraes já era um nome conhecido e experimentado nas lides jornalísticas locais, desde "O Rumo" (boletim da AAE) ao "Espinho" (boletim do SCE). Mesmo assim, não se importou de pegar nos seus "Rascunhos" (que publicava na

"Defesa de Espinho") e de os trazer para esta nova aventura, lida por alguns como irresponsável e de curta duração. Até ao ano do seu desaparecimento (1998), escreveu, directamente da sua cabeça para a máquina, centenas de crónicas, com periodicidade diversa (de semanal

ou quinzenal a um adequado "de vez em quando"), sempre com um estilo muito próprio, que conquistou leitores e constituiu uma imagem de marca, um símbolo muito particular deste jornal. Em maré de aniversário, não quisemos deixar de lhe prestar uma pequena homenagem, que

não traduz o agradecimento nem a saudade, antes se limita a um breve gesto de carinho. São três crónicas, vindas à luz do dia na década de noventa, mas que nos falam de outros tempos, das suas memórias e, claro está, de Espinho. Com um sabor muito especial... • C.M.G.

Ciclone devastador

A Europa já começara a arder. Depois de partilhada a Polónia entre hitlerianos e estalinianos, aproximava-se a guerra relâmpago, com a ocupação de metade da França e a ameaça bem assustadora de uma total vitória germânica. Eram uns ares turvos, que só muito tempo depois voltariam a permitir o brilho do sol.

Mas a minha guerra era outra. Tinha quinze anos. A minha luta era contra a matéria do quinto ano liceal, a um ano de nova tortura, a dos exames do segundo ciclo. Guerra vivida entre uma espécie de vida militar e prisional que era a de estar internado num colégio. Guerra que tinha umas pausas, as das férias, que sabiam ao gosto do melhor manjar, mesmo que muito curtas como as que estavam à bica: as do Carnaval, para próximos dias. Já era noite, estávamos no salão de estudo, uns a dar cabo dos olhos sobre os livros, outros a poupá-los em divagações de cábula. De repente a luz foi um ar que lhe deu. Avaria ou não, era uma coisa agradável porque quebrava a monotonia da prisão forçada naquelas vastas quatro paredes. Podia ser uma coisa pouco duradoura, mas entretanto chegaria a hora de ir em fila para-militar, até à vasta sala de jantar. Luz eléctrica, nada, só a anémica de algumas velas entretanto acesas e colocadas estrategicamente para obviar à escuridão total. O jantar, com um pavio de cera a arder em cada mesa, parecia uma coisinha surrealista, cedo que ainda era para as elegâncias actuais dos restaurantes de garbarito onde é de bom gosto misturar o aroma das excelências culinárias com o cheiro enjoativo da cera a derreter.

Todas as portadas das janelas daquele enorme edifício estavam fechadas, e da sala de jantar demos salto imediato para os dormitórios, sem recreio infelizmente, mas felizmente sem salão de estudos. Metido entre lençóis, dormi como um justo, dormi como se pode dormir antes de ser totalmente adulto. Na manhã seguinte, ao sermos acordados ao som da campanha eléctrica que substituiu a corneta do quartel, já era dia bem claro. Foi ao escancararem-se as portadas das janelas que, daquele posto bem alto sobre os telhados do Porto, nos apercebemos do que se havia passado na noite anterior. Parte das casas visíveis estavam descarnadas de cobertura, telhas havia-as pelo solo partidas, as fachadas de alguns prédios tinham buracos no lugar dos vidros das janelas. Mas só no dia seguinte, já a caminho das tão pequenas como saborosas férias do Entrudo, é que tive a noção exacta da guerra imensa que nos havia assaltado. Eram postes eléctricos e telefónicos derrubados sobre a estrada, eram casas destelhadas, eram muros derrubados, eram árvores mortas pelo chão, eram pinheiros atacados de corcundice súbita, uma desolação imensa que arrepiava e entristecia. Tinha sido o lamentavelmente famoso ciclone de 1941, que varreu Portugal de uma ponta a outra. A partir daí, fiquei com um medo enorme de qualquer rabanada de vento que seja um cibinho mais forte que as nortadas que tanto contribuem para purificar o ar de Espinho. •

MV n.º 708 de 21/02/91

À porta de Casablanca Toca, Sam...

Os meus anos de infância foram bastantemente preenchidos pelas recordações da Guerra de 14-18. A minha curiosidade era insaciável, devorava com os olhos todo o livro, revista ou jornal onde viessem relatos ou imagens da luta das trincheiras, comovia-me ver os montes de mortos, as filas de prisioneiros, os soldados rastejando por entre as barreiras de arame farpado. O cinema mais me alimentou esta macabra fome de informação, e lamentei muito que meu pai nada pudesse contar-me desta carnificina europeia porque o armistício de Novembro chegara antes que ele acabasse o seu curso de oficial miliciano.

Depois, ainda menino, surgiu a luta fratricida em que os espanhóis se mataram uns aos outros, transformando a sua Nação para sala de ensaios do que em 1 de Setembro de 1939, pela megalomania de Adolfo Hitler, iria provocar cinco anos de horror na Europa, na Ásia e no Norte de África. Se a minha simpatia em relação ao primeiro conflito mundial ia toda para os chamados Aliados, não mudei de sentido em relação ao segundo. Os primeiros e fulgurantes sucessos das forças germânicas deixaram-me aturrido. Acima de tudo não aceitava como verdadeira a ocupação de Paris, julgava ser truque fotográfico a fotografia de Hitler junto à Torre Eiffel. Tudo se enegreceu mais quando os japoneses atacaram Pearl Harbour e foram rolando pelo Pacífico como se fossem as suas águas a mais macia das alcatifas do palácio real.

Portugal conseguiu safar-se desta Guerra sem sacrifícios humanos ou materiais. Claro que tinha que sofrer reflexos, e isso sentimo-lo no corpo, com escassez de alimentos ou de combustíveis. As donas de casa viam-se em palpos de aranha para reger as dispensas e confeccionar as refeições. Faltavam o pão e o leite, escasseavam as batatas e os legumes, rareavam a carne e o azeite, não era a fome na totalidade mas andava muito paredes-meias. Os carros, por falta de gasolina, só circulavam dia sim, dia não, e para que pudessem fazê-lo todos os dias, descobriram o recurso do gasogénio, com um adereço muito feio que expelia poluição por todas as estradas e não desenvolvia a força suficiente, de tal modo que nenhum autocarro ousava parar numa subida.

Quando, por fim, tudo deu uma enorme volta e as forças do Eixo começaram a regredir, de derrota em derrota até à final rendição, começámos a suspirar de alívio e a poder crer que um mundo melhor, mais justo e mais pacífico, vinha a chegar. Tudo isto me veio à lembrança ao saber que vai atingir os 50 anos a estreia de "Casablanca", um filme que entrou na história do cinema e de lá não sairá mais. Ia falar no Bogart, na Ingrid Bergman, no Raul Henreid, no Claude Rains, na canção que era dedilhada ao piano, no avião que partia para Lisboa. Já não cabe aqui. •

MV n.º 761, 9/4/92

Pela quarta ou quinta vez, pus-me a ver o Casablanca. O Bogart durão de coração mole. A Bergman de aspecto ingénuo. Agora já não com o preto e branco original, mas colorizado. Com uma cor que não adianta ao píforo. No fundo musical a constante informação de que "Time goes by".

Toca, Sam. O tempo escorre, o tempo vai, o tempo finda. Sem piedade, sem paragens. Só que, nisto de filmes, há sempre uma hipótese de rever. Enrola-se de novo a bobina, volta-se à projecção. Naquilo que é a vida autêntica, a que se escoia em cada dia que passa, é impossível rebobinar e reprojectar. A única gravação utilizável é a da memória, que não tem imagem, nem som, nem cheiro.

Toca, Sam. Para nos iludirmos de que o tempo não passa. Ai estão no ar, filtradas pelas folhas largas das palmeiras, as notas das melodias brasileiras de Dick Farnley, os sambas frenéticos da Carmen Miranda, as vozes embaladoras dos Platters com Only You, o Julio Murillo a cantar o seu Besame Mucho.

Entre cada disco uma caterva de anúncios. Porque a cabine sonora não se sustentava só com música. As outras notas, as do Banco de Portugal, é que servem para comprar os melões. Só com cantigas a cigarra não ganha para a subsistência invernal. A formiguinha laboriosa é que, tecnocraticamente, está certa. O filme que está na tela do S. Pedro, o que vai ser projectado na sala do Casino, a loja de modas sempre ao seu serviço, a perfumaria com o mais fragrante dos aromas, o restaurante dos mais saborosos pitéus vinho, para os nossos ouvidos, pela voz do locutor de serviço. E, finda a publicidade, outra vez o Francisco José e a Amália, o Sinatra e o Bing Crosby.

Assim, como se não concebe um filme sem música de fundo, a velha Avenida não poderia existir sem o fundo de música que vinha dos altifalantes dispersos entre a Estação e a cancela da rua vinte e três. A multidão que, pachorrontamente, fazia o picadeiro, só debandava quando a cabine sonora fechava. Fazer a Avenida era um "must". Estar em Espinho e não "avenidar" era como ir a Roma e não ver o Papa. Aquilo não era mais uma das artérias do burgo, era, sim, uma autêntica instituição, tão obrigatória como a Câmara Municipal, tão útil como as corporações de bombeiros, tão imprescindível como o Hospital. E sempre, sempre, com os decibéis moderados da cabine sonora.

Antes que disparem sobre o pianista, continua a tocar, Sam. Os ouvidos da memória não ensurdecem. Os olhos da saudade não cegam. Temos outra vez vinte anos. Ainda não somo avós. Vamos à Avenida fazer um pé de alferes. Tanta cara bonita a aguardar-nos os galanteios.

Toca, Sam. •

MV n.º 797, 11/2/93